



**LAÍS APARECIDA NASARÉ**

**CURRÍCULO, REALIDADE SOCIOAMBIENTAL E  
HISTÓRIA ECOLÓGICA DO SUL DE MINAS GERAIS:  
CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**LAVRAS – MG**

**2021**

**LAÍS APARECIDA NASARÉ**

**CURRÍCULO, REALIDADE SOCIOAMBIENTAL E HISTÓRIA  
ECOLÓGICA DO SUL DE MINAS GERAIS: CONTRIBUIÇÕES À  
EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Ciências Biológicas para a obtenção do título de Licenciada.

Prof. Dr. Josué Humberto Barbosa  
Orientador

**LAVRAS – MG  
2021**

**LAÍS APARECIDA NASARÉ**

**CURRÍCULO, REALIDADE SOCIOAMBIENTAL E HISTÓRIA ECOLÓGICA  
DO SUL DE MINAS GERAIS: CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**CURRICULUM, SOCIO-ENVIRONMENTAL REALITY AND ECOLOGICAL  
HISTORY OF THE SOUTH OF MINAS GERAIS: CONTRIBUTIONS TO  
FIELD EDUCATION**

Monografia apresentada à Universidade  
Federal de Lavras, como parte das  
exigências do Curso de Ciências  
Biológicas para a obtenção do título de  
Licenciada.

APROVADA em 08 de junho de 2021

Profa. Dra. Flávia de Freitas Coelho - UFLA

Profa. Ms. Laise Vieira Gonçalves Ribeiro - UFLA

Prof. Dr. Josué Humberto Barbosa  
Orientador

**LAVRAS – MG**

**2021**

*Dedico esta monografia aos meus pais, por sempre me apoiar e incentivar meus sonhos. A presença, o carinho e dedicação deles durante esta jornada tornaram tudo mais fácil.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por estar ao meu lado e por ter me concedido força e saúde para que chegasse até aqui. Sem ele, nada disso seria possível.

Aos meus pais por me apoiarem e acreditar em meus sonhos, por estarem sempre ao meu lado me incentivando e dando forças nos momentos mais difíceis que encontrei durante esta caminhada.

A minha irmã por esta sempre ao meu lado me motivando e aplaudindo minhas conquistas.

Aos meus tios, tias, primos e primas que incentivaram meu sonho e torceram por minhas vitórias, me apoiando e ajudando em vários momentos.

Aos meus amigos queridos que sempre estiveram ao meu lado, pelo carinho, pela amizade e pelo suporte demonstrado durante toda a graduação, por estarem comigo nos momentos alegres, difíceis me dando forças e apoiando com palavras de afeto. Saibam que foram muito importantes no decorrer da minha jornada e estão no meu coração.

Ao meu orientador pelo apoio, confiança e ensinamentos que contribuíram com a realização deste trabalho. Obrigada por me manter motivada e estar sempre presente.

Aos meus ex-orientadores do PIBID e Residência Pedagógica, pelo incentivo, dedicação, ensinamentos, apoio e confiança. Pelo acolhimento e paciência nos momentos que me sentia insegura. Por proporcionarem trocas de conhecimentos e me mostrarem os caminhos a seguir. Sem dúvidas, foram fundamentais para minha formação como futura professora.

Aos meus colegas e amigos do PIBID e Residência Pedagógica que convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo, pelo apoio, pelas trocas de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formanda.

Aos professores de graduação, pelas construções dos conhecimentos, pelos ensinamentos que me permitiram apresentar melhor desempenho no meu processo de formação ao longo do curso.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram de alguma forma para que a realização deste sonho se tornasse possível.

## RESUMO

Esse trabalho teve por objetivo realizar uma pesquisa qualitativa em educação, por meio de análise de conteúdo de documentos e obras bibliográficas, com intuito de contribuir para o currículo de uma escola rural/campo situada no Sul de Minas Gerais. Para isso, procuramos desenvolver bases teóricas, metodológicas e conteúdos curriculares para subsidiar a educação no campo a partir das características de sua realidade socioambiental local comparada à sua trajetória histórico-ecológica, contribuindo assim para o ensino de Ciências Biológicas. Diante da realidade dos alunos do campo e objetivando preservar sua cultura e as características ambientais locais, metodologicamente nos propomos construir um estudo socioambiental e histórico-ecológico que partisse do presente para passado definindo, primeiramente, o surgimento da educação do campo e os contrapontos do currículo com a realidade dos sujeitos; em segundo lugar, as trajetórias e as perspectivas atuais; em terceiro, a atualidade socioambiental da região do rio Grande; em quatro, os aspectos da história ecológica da mesma região entre os séculos XVIII e XIX; e em quinto, a elaboração de uma proposta pedagógica para uma educação no campo que respeite a realidade sul mineira. Logo, uma análise qualitativa em educação e sistematização dos aspectos descritivos sobre a realidade ambiental e a histórica ecológica da região do rio Grande, desenvolvida para a realização de atividades práticas curriculares para ser trabalhada com professores do ensino fundamental, complementando os conteúdos na área de Ciências Biológicas. Avalia-se que o estudo permitiu refletir a respeito do uso dos registros históricos e atuais, o que conduziu para a realização de um trabalho interdisciplinar entre as ciências biológicas, história e educação, além de proporcionar o entendimento da trajetória ecológica e da realidade atual da região do rio Grande - Sul de Minas Gerais.

**Palavras-chaves:** Educação do Campo. História Ecológica. Realidade Socioambiental. Fundamentos da Educação. Formação de Professores.

## ABSTRACT

This work aims to conduct qualitative research in education through content analysis of documents that support the development of a curriculum for a rural school/countryside located in the south of Minas Gerais, contributing with theoretical and methodological bases to support rural education based on the characteristics of its socio-environmental reality, its historical-ecological trajectory, and build content in Biological Sciences in the face of the reality of students in the field, to preserve the culture and local environmental characteristics. Seeking the success of this purpose, it moved from the present to the past. First, it defined the emergence of rural education, the counterpoints of the curriculum, and the reality of the subjects. Second, the trajectories and current perspectives Third, the current socio-environmental situation in the region from the Rio Grande. Fourth, aspects of the ecological history of the river's locality in the eighteenth and nineteenth centuries, and fifth, education in the countryside to respect the reality of southern Minas Gerais. Therefore, from the qualitative analysis in education and systematization of the descriptive aspects about the environmental reality and the ecological history of the Rio Grande region, this proposal for a practical curricular activity was developed to be worked with elementary school teachers to complete the contents in the Biological Sciences area and contribute to the teaching in rural schools. In the end, this study allowed us to reflect on the use of historical records that led to interdisciplinary work between biological sciences, history, and education, in addition to providing an understanding of the ecological trajectory and the current reality in the region of Rio Grande - South of Minas Gerais.

**Keywords:** Rural Education. Ecological History. Socio-environmental Reality. Fundamentals of Education. Teacher training.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA E DO PROBLEMA PESQUISA, JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E METODOLOGIA.....	9
2. POR UMA EDUCAÇÃO CRÍTICA NO CAMPO.....	17
3. EDUCAÇÃO NO CAMPO: TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS ATUAIS .....	23
4. A ATUALIDADE SOCIOAMBIENTAL DA REGIÃO DO RIO GRANDE – SUL DE MINAS GERAIS .....	29
5. ASPECTOS DA HISTÓRIA ECOLÓGICA DA REGIÃO DO RIO GRANDE: SÉCULOS XVIII E XIX.....	36
6. UMA EDUCAÇÃO NO CAMPO PARA O RESPEITO À REALIDADE SOCIOAMBIENTAL SUL-MINEIRA.....	58
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	62
REFERÊNCIAS .....	65



## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA E DO PROBLEMA PESQUISA, JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E METODOLOGIA

O objetivo principal deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é contribuir com bases teóricas, metodológicas e conteúdos curriculares para subsidiar a educação do campo no Sul de Minas Gerais a partir das características de sua realidade socioambiental.

Esse princípio educacional foi aqui desenvolvido como uma contribuição da área de Fundamentos da Educação<sup>1</sup> para o ensino das Ciências Biológicas nas escolas do campo sul mineiras, afirmando que toda a educação necessita respeitar as características sociais e ambientais da realidade local em que todas as escolas estão inseridas.

Exemplificando a relação entre os Fundamentos da História e da História da Educação e o ensino das Ciências Biológicas nota-se a estrita relação entre processos de produção de conhecimento historicamente construídos e os conteúdos que devem ser trabalhados na Educação Básica. Assim sendo, na introdução aos estudos da Área da Ciência da Natureza a BNCC desde logo estabelece sua interconexão com a História e a História da Educação:

A sociedade contemporânea está fortemente organizada com base no desenvolvimento científico e tecnológico. Da metalurgia, que produziu ferramentas e armas, passando por máquinas e motores automatizados, até os atuais chips semicondutores, ciência e tecnologia vêm se desenvolvendo de forma integrada com os modos de vida que as diversas sociedades humanas organizaram ao longo da história. No entanto, o mesmo desenvolvimento científico e tecnológico que resulta em novos ou melhores produtos e serviços também pode promover desequilíbrios na natureza e na sociedade. Para debater e tomar posição sobre alimentos, medicamentos, combustíveis, transportes, comunicações, contracepção, saneamento e manutenção da vida na Terra, entre muitos outros temas, são imprescindíveis tanto conhecimentos éticos, políticos e culturais quanto científicos. Isso por si só já justifica, na educação formal, a presença da área de Ciências da Natureza, e de seu compromisso com a formação integral dos alunos. (BRASIL, 2017, p. 321)

---

<sup>1</sup> A subárea da educação denominada Fundamentos da Educação é, em geral, formada pelos campos do conhecimento da História, da Antropologia, da Sociologia, da Psicologia e da Filosofia. (COSTA, 2002, p. 27, *apud* FOUCAULT, 1981, p. 367). Configurando um setor e/ou departamento específico, o complemento “Educação” nestes campos do conhecimento indica que as especificidades inerentes à cada disciplina estão associadas os aspectos educacionais correspondentes, por exemplo, História da Educação abordando as relações entre História e História da Educação, geral e Brasil. A área ocupa-se, primordialmente, das bases e fundamentos teórico-metodológicos que devem nortear os princípios educacionais e/ou referenciais pedagógicos para todas as disciplinas escolares da Educação Básica, seja a ludicidade, na Educação Infantil, sejam os contextos, tempos e espaços, em que o conhecimento é produzido; os elementos formadores da cultura do ser humano, sobretudo o ser brasileiro, em contexto; suas diversas formas de organização em sociedade; suas características étnico-raciais e referenciais de significação do mundo; bem como suas indagações, espirituais e existenciais, no Ensino Fundamental e Médio.

Esses são os fundamentos norteadores deste TCC, ou seja, realizar estudos interdisciplinares entre Ciências Biológicas e História sob a orientação dos fundamentos da História da Educação, diante da necessidade do desenvolvimento de teorias, metodologias, métodos e conteúdos para o ensino das ciências na Educação Básica.

Essa interdisciplinaridade aqui está unida através das abordagens da realidade socioambiental e da história ecológica, sociocultural e natural, justamente por ser um campo novo que se preocupa com o ser humano e suas relações com a natureza e com as formas instituídas de ser do homem e da mulher do campo.

Por outro lado, faz-se necessário realizar este trabalho uma vez que a Base Nacional Comum Curricular não diferencia, em seus pressupostos teóricos, as especificidades do campo, associando, enquanto pressupostos gerais, o campo e a cidade.

Assim sendo, buscamos compreender e refletir as relações socioambientais de ensino e aprendizagem de uma realidade específica, a saber, o Sul de Minas Gerais, também compreendida como a região do rio Grande.

Desse modo, exige-se uma monografia que avalie e proponha soluções para educação do campo, evidenciando a integração e a complementaridade entre meio ambiente/homem/mulher na perspectiva de uma constituição coletiva *entre Outros*: entre a natureza, compreendida como o *Outro* em geral, e os homens e mulheres, estes *Outros* em específico, constituintes da realidade socioambiental. (DERRIDA, 1967, p. 182-83, *apud* BARBOSA, 2008, p. 93-4)

Realidade sempre aberta a novos significados entre pessoas e a natureza. Ou seja, realidade construída pela relação possível de novas interpretações entre a natureza, o *Outro* em geral, e pessoas, o *Outro* em específico, através de um processo contínuo de desconstrução e reconstrução de significados – um processo de significação sempre aberto entre significantes (natureza transformada/ressignificada por pessoas, que se transformam e se ressignificam através dessa reinterpretação).

Portanto, uma relação sempre aberta entre pessoas e natureza que possibilita construirmos um currículo para a educação no campo a partir da ressignificação da realidade socioambiental local. Em síntese, o fundamento da possibilidade de construirmos novos significados sobre nós mesmos, e o mundo em que vivemos, através da reinterpretação da natureza.

Na presença dessa preocupação e da separação do meio ambiente do ser humano, como graduanda em Ciências Biológicas Licenciatura Plena e ex-aluna do Ensino Básico em uma escola do campo, considero fundamental a crítica ao modelo constituído para a Educação

Básica através da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a urgente necessidade de construção de um currículo que abranja as especificidades da educação do campo.

Desde que iniciei os primeiros anos escolares, notei que as aulas em sua maioria não correspondiam à realidade socioambiental que me encontrava, por não considerar o contexto que estava inserida, deixando de lado toda a cultura herdada e que estava sendo construída na comunidade rural.

Desde pequena a fauna e flora me cativavam, pelo fato de ter tido o privilégio de ser criada no campo e poder estar em contato diretamente com a terra, presenciar o manuseio da mesma, por meio do plantio e da colheita.

Com o passar dos anos fui cada vez mais me interessando pela área de ciências naturais, escolhendo estudar Ciências Biológicas, licenciatura, para poder compreender melhor os seres vivos, a sua origem e a sua relação com o meio ambiente para poder atuar no ensino e contribuir com a educação. O intuito é formar sujeitos críticos e reflexivos para atuarem na sociedade, que valorizem o meio ambiente e entendam a importância de se preservar os ecossistemas para a manutenção da vida, pois o ser humano não se encontra separado ou superior ao meio ambiente. Um depende do outro, ambos fazem parte do todo que constitui o ambiente.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo realizar uma pesquisa qualitativa em educação por meio de análise de conteúdo de documentos que embasem a elaboração de um currículo para uma escola rural/campo situada no Sul de Minas Gerais. Utilizar-se-á documentos quantitativos, como o Censo Populacional (IBGE), o Censo Educacional (INEP), cartas topográficas, censos agropecuários, imagens de satélite (IBGE e LIMEF/UFLA), e qualitativas, como a BNCC, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), bem como obras de referência, com o intuito de realizar uma análise sobre a realidade socioambiental local, sua trajetória histórico-ecológica e construir um conteúdo em Ciências Biológicas para uma proposta de currículo que considere a realidade dos alunos do campo, objetivando preservar sua cultura e as características ambientais locais.

Buscando identificar na BNCC conceitos, princípios, propostas, práticas pedagógicas que demonstrem a contradição nos currículos, especificamente entre as competências para o ensino de Ciências Biológicas que não contemplam o ensino do campo, e levantar informações que ajudem a compreender porque a Base Nacional Comum Curricular separa o meio ambiente do ser humano, concluiremos este TCC com uma proposta de atividade relacionando o ensino e a pesquisa.

Desta forma, tanto poderemos sistematizar os problemas observados na BNCC, sobre o porquê o currículo da educação do campo não considera a cultura, história e as características que constitui o meio ambiente local, bem como compreender a agricultura camponesa, que tem por finalidade, entre outras, uma produção voltada para o meio familiar.

Ademais, a partir das dificuldades observadas, da proposição de um currículo que procure solucionar e orientar a comunidade escolar contextualizada à realidade ambiental do Sul de Minas Gerais, realizada através de análises dos dados obtidos nos documentos escolhidos para estudo, contextualizar a escola do campo e compreender a realidade em que os alunos estão inseridos – a relação entre o meio ambiente e a sociedade em uma perspectiva presente-passado: por meio de uma análise socioambiental local a partir da sua construção/desconstrução histórica.

Ao final, concluir se o novo currículo atende as especificidades do campo contribuindo para formação de sujeitos reflexivos; se proporciona o ensino e aprendizagem a partir da realidade dos estudantes; se considera o espaço escolar e os conhecimentos dos educandos; e se restringe os processos pedagógicos a conteúdos elaborados externamente à realidade local.

A apresentação desses objetivos se relaciona e fundamenta nosso problema de pesquisa principal, a saber, como viabilizar o desenvolvimento curricular e respectivas práticas de educação no campo a partir do respeito à sua realidade local?

Ou seja, sabemos que a BNCC contempla bases genéricas em atenção e respeito às realidades nas quais estão inseridos os estudantes, todavia delega essa responsabilidade para Estados e municípios:

Art. 36. § 1º A organização das áreas de que trata o caput e das respectivas competências e habilidades será feita de acordo com critérios estabelecidos em cada sistema de ensino. (BRASIL, 2017, p. 12).

Em síntese, todo o processo de elaboração de conteúdos e organização das atividades curriculares é de responsabilidade dos sistemas municipal e estadual, principalmente, quando enfocamos as Etapas de Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, dos municípios.

Desta forma, como viabilizar essas atividades de produção de conteúdos e atividades curriculares sem viabilizar a formação continuada de professores nos níveis local e regional? Como formar professores-pesquisadores para produzir conhecimentos a partir da realidade

local? Como estruturar e viabilizar a produção de material didático localmente para que todos esses objetivos sejam satisfeitos?

Assim sendo, a construção de bases e conteúdos curriculares para a educação do campo, que considere a realidade socioambiental dos alunos, é uma tarefa hercúlea e distante da própria realidade estrutural das escolas e, portanto, questão específica e geral, sobre a organização e prática dos sistemas de ensino, que aqui propomos e que este TCC procura dar respostas.

Para viabilizar o desenvolvimento curricular e respectivas práticas de educação no campo a partir do respeito à sua realidade local, com intuito de preservar sua cultura e as características ambientais locais, amparamo-nos em uma metodologia de pesquisa interdisciplinar entre os campos do conhecimento em Ciências Biológicas, Educação e História.

A partir dessa orientação pedagógica, que privilegia diversos olhares sobre um mesmo tema, decidimos então realizar uma pesquisa denominada abordagem qualitativa em educação, aqui caracterizada pela sistematização de aspectos descritivos sobre a realidade socioambiental e a história ecológica da região do rio Grande (TRIVIÑOS, 1987, p.120-330).

Essas descrições, selecionadas e sistematizadas em documentos<sup>2</sup> e obras bibliográficas sobre a região do rio Grande, tornaram-se a base de dados para compreender e produzir os conteúdos curriculares para uma escola rural/campo situada no Sul de Minas Gerais. Por sua vez, o método escolhido para essa compreensão e produção curricular foi a análise de conteúdo, um conjunto de técnicas de análise de comunicação que busca, por procedimentos sistemáticos e objetivos quando se descreve os conteúdos das mensagens, enriquecer a leitura dos dados qualitativos descritivos selecionados, coletados e sistematizados:

---

<sup>2</sup> A noção de documento aqui está amparada na noção de testemunho e sua classificação para análise sociohistórica e socioambiental, a saber, documentos/fontes diretas e indiretas, primárias e secundárias que, segundo Pierre Nora, podem ser classificadas em “fontes diretas”, isto é, aquelas que uma sociedade voluntariamente produziu para serem reproduzidas como tal [...] e a massa indefinida de ‘fontes indiretas’, isto é, todos os testemunhos deixados por uma época sem duvidar de sua utilização futura pelos historiadores.” Portanto, documentos sociais e ambientais são todos aqueles que expressam uma ação social, dados numéricos e descritivos de uma realidade, e ambiental, dados paisagísticos, numéricos e descritivos da ação humana e/ou natural, as marcas deixadas no ambiente por alguma ação involuntária dos humanos, sem que fossem produzidos e publicados com alguma intenção de influenciar as análises futuras. (NORA, 1993, p. 22); Todavia, para uma definição arquivística de documento, que deve balizar toda classificação documental, segue o que prescreve o Arquivo Público de São Paulo: “A experiência humana, em sua imensa diversidade, tem produzido e acumulado um grande número de registros [...]. Esses registros da atividade humana, em toda a sua complexidade, constituem o que chamamos de documento, definido tecnicamente como o conjunto da informação e seu suporte. É documento o livro, o artigo de revista, o prontuário médico, a carta, o cartaz de um seminário, o vídeo de uma conferência, a legislação, os objetos utilizados etc.”. (TESSITORE, 2003, p. 11)

Análise de Conteúdo, de texto e/ou discurso é “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a «discursos» (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas - desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até à extração de estruturas traduzíveis em modelos- é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois polos do rigor [1] da objetividade e [2] da fecundidade da subjetividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem. Tarefa paciente de «desocultação», responde a esta atitude de *voyeur* de que o analista não ousa confessar-se e justifica a sua preocupação, honesta, de rigor científico. (BARDIN, 2002, p. 9)

Portanto, análise qualitativa para compreender o *Outro* na escola, geral, a natureza, e específicos, os estudantes em seu ambiente, através de dados que incidem sobre diversos aspectos descritivos, inclusive quantitativos, essenciais para a análise temática interdisciplinar entre ciências biológicas, história ecológica e educação.

Esse é um campo de estudos multiculturais, que se inserem de forma privilegiada na escola a partir dos estudos sobre a alteridade, principalmente como campo de pesquisas sobre a compreensão da cultura humana, em suas diferentes épocas, mas, sobretudo, na contemporaneidade.

Em síntese, práticas de educação, porque buscam compreender o ser humano além de fornecer uma explicação sobre as representações da alteridade e/ou sobre as práticas do “outro”, uma forma de produção de sentidos a partir das experiências vividas cotidianamente em uma determinada realidade local.

Portanto, a tendência dessas disciplinas também é a multidisciplinaridade, objetivando compreender homens e mulheres em sua totalidade, em suas especificidades histórico-antropológicas locais, enfocando o trabalho no campo sócio-educacional diante da preocupação dos significados que as pessoas localmente determinadas atribuem às suas próprias ações. (ROCHA; TOSTA, 2009, LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Logo, os contrapontos teórico-metodológicos disciplinares para esta Monografia de Conclusão de Curso são embasados nas dimensões da história ecológica e educação, como fundamentos para a análise crítica das propostas para a educação no campo que se encontram ou não na BNCC na área de Ciência Biológicas.

Objetivamente, em relação aos documentos selecionados para sistematização e análise de descrições sobre a região do rio Grande, nos amparamos na *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC); nas *Diretrizes Curriculares Nacionais* (DCN); nas *Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo*; nas *Diretrizes Curriculares da*

*Educação do Campo*; em um conjunto de dados, qualitativos e quantitativos, publicados em 2016 sob o título *Rio Grande: Ambiente, Peixes e Pessoas*, produzidos pela ONG Instituto de Estudos Pró-Cidadania; e nos capítulos 1 e 5 da tese de doutorado intitulada *Ríos domados, fijados y aprisionados: memoria e historia ambiental del río Grande, Minas Gerais, y etnoecología de las aguas de Brasil*, de Josué Humberto Barbosa. A análise documental sobre esta tese incidiu sobre os relatos de viajantes naturalistas nela sistematizados, de Saint-Hilaire, do Barão de Langsdorff, de Spix e Martius.

Em relação às obras teóricas e metodológicas referenciadas para a elaboração das bases curriculares para a educação no campo do Sul de Minas e região do Rio Grande, foram utilizados dois artigos, são eles: 1) *Qué es la historia ecológica*, de Rolf Peter Sieferle; 2) *Darwin na Serra da Tiririca: caminhos entrecruzados entre a biologia e a história*, de Sandra Escovedo Selles e Martha Abreu.

Para ilustrar e propor análises visuais sobre o Sul de Minas Gerais, também nos amparamos em um mapa-documento socioambiental de época sobre a então denominada região do rio Grande, denominado *intitulado Mapa de toda a extensão da Campanha da Princesa, feixada pelo rio Grande e pelos registros que limitam a capitania de Minas* (Arquivo Ultramarino, Códice 2166), confeccionado entre os séculos XVIII e XIX, bem como em conjunto de fotografias da realidade socioambiental distinguindo os ambientes de transição entre a Mata Atlântica e o Cerrado.

Por sua vez, conceitualmente a organização deste TCC está amparada na teoria e metodologia da Escola dos Annales, a saber, a produção de uma história sobre as relações entre humanos e meio ambiente regressiva.

Conhecida como *História Problema* essa abordagem analisa a realidade socioambiental da região do rio Grande a partir de problemas socioambientais presentes na realidade atual para, em seguida, buscar suas origens e assim explicar e propor soluções para tais problemas.

A obra de referência utilizada para a adoção dessa teoria e metodológica foi *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*, de Marc Bloch, mas, sobretudo, a análise que realiza Lilia Moritz Schwarcz na apresentação desta obra, intitulada *Por uma Historiografia da Reflexão*.

A partir da noção de história ecológica regressiva organizamos então o TCC em 5 capítulos,

O primeiro, *Por uma Educação Crítica no Campo*: apresenta como surgiu a educação do campo levantando os contrapontos do currículo e a crítica do ensino não voltado para a realidade dos sujeitos.

No segundo, *Educação no Campo: Trajetórias e Perspectivas Atuais*, é realizada uma análise a partir de uma linha do tempo para atualizar as compreensões e orientações sobre a educação do campo, indagando e questionando como se encontra a discussão sobre a educação do campo nos tempos atuais e quais são as orientações acerca dela.

No terceiro, *A Atualidade Socioambiental da Região do Rio Grande - Sul de Minas Gerais*, foi realizada uma análise histórico-regional partindo da realidade socioambiental local.

O capítulo quarto, *Aspectos da História Ecológica da Região do Rio Grande, Séculos XVIII e XIX*, aborda como se dá a construção do meio ambiente, quais os fatores sociais e culturais que fazem ou que fizeram parte de sua trajetória.

Por fim, o quinto e último capítulo, *Uma Educação no Campo para o Respeito à Realidade Socioambiental Sul-Mineira*, apresenta um programa educacional como solução para o novo currículo da escola do campo, localizada na região do sul de Minas Gerais, propondo alternativas, diretrizes e conteúdo disciplinar para escola considerando a realidade dos alunos do campo.

Em conclusão, a partir da análise de conteúdo de documentos e obras de referência, objetivamos contribuir com propostas que possibilitem efetivamente produzir novas práticas escolares e comunitárias de respeito e convivência às diferenças constitutivas das comunidades em seus específicos ambientes, ou seja, propostas contextualizadas à realidade dos estudantes nas escolas situadas nos âmbitos rurais.



## 2. POR UMA EDUCAÇÃO CRÍTICA NO CAMPO

A educação do campo surgiu em meados do século XX, a partir dos movimentos sociais, sobretudo através de reivindicações das ligas camponesas no Nordeste e no Rio de Janeiro, e com destaque aos movimentos de luta pela construção de uma política educacional para os assentamentos de reforma agrária e ao Movimento Sem Terra (MST), nas últimas décadas desse século.

Esses movimentos buscavam uma educação que orientasse as suas práticas e considerasse a realidade em que se encontravam os camponeses, luta pelo reconhecimento de sua diversidade sociocultural através do direito à igualdade e a diferença. Isto é, a luta por uma educação que não ficasse presa ao ensino padronizado, mas que fosse uma educação que pudesse ir além de um projeto educativo oficial, respeitando a realidade dos trabalhadores e pessoas do campo.

Contexto de luta dos trabalhadores para terem acesso ao ensino e aprendizagem rural diante da sociedade, ao mesmo tempo estruturando e apresentando críticas ao ensino dominante a que estavam sujeitos, este que desconsiderava os conhecimentos dos produtores valorizando os meios lucrativos de seus trabalhos produtivos para a geração de capital.

Sendo assim, a educação do campo nasceu como crítica à realidade da educação brasileira, principalmente dos povos que vivem e trabalham na zona rural.

O vínculo de origem da educação do campo é com os trabalhadores “pobres do campo”, trabalhadores sem terra, sem trabalho, mas primeiro com aqueles dispostos a reagir, a lutar, a se organizar, para aos poucos buscar ampliar o olhar para o conjunto dos trabalhadores do campo. CALDART, (2009 p. 41)

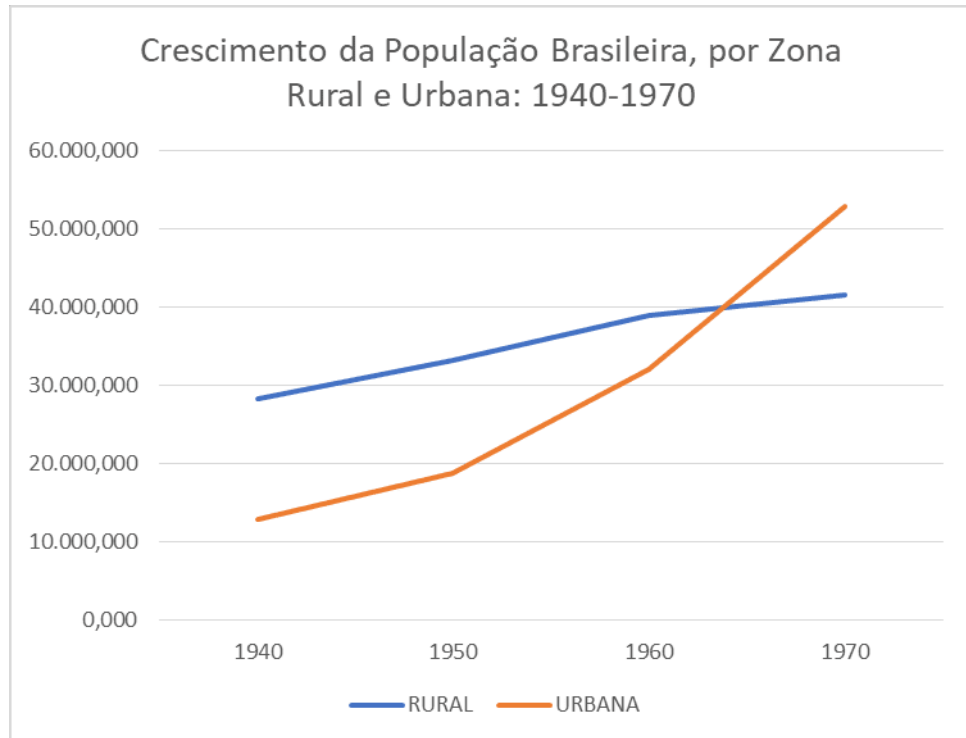
Essa análise vai de encontro às concepções que vigoraram durante décadas, nas quais a educação do campo estava vinculada a um modelo de educação urbana, proporcionando descaso e subordinação dos valores do meio rural em comparação ao espaço urbano.

Os dados obtidos no IBGE de 2010 mostram que a população no campo é predominantemente urbana mesmo que vários municípios sejam rurais, pois a educação pública ofertada é na maioria elitista, em que o ensino é voltado para uma educação que não atente às necessidades dos jovens e adultos que vivem e trabalham no campo.

Deste modo, sabe-se que a educação é uma política social que tem importante caráter econômico, pois promove as condições políticas essenciais para o desenvolvimento dos cidadãos. Desta forma, diante da continuidade da política econômica baseada na exportação agrícola, a população do campo jamais foi oportunizada condições de desenvolvimento

educacional a partir da sua realidade local, mas sim ofertada uma educação para atender aos interesses da elite agrária, ou seja, uma educação primária para atender às necessidades da sociedade urbana, comercial e industrial. Como podemos observar na Figura 1:

Figura 1: Crescimento da população Brasileira



Fonte: Romanelli (1986).

Entre os anos de 1940 a 1970 houve um grande aumento da urbanização no Brasil devido à industrialização, que acelerou este crescimento da população na zona urbana, sendo a educação fator determinante por essa procura e êxodo rural, uma vez que as fábricas necessitavam de mão de obra especializada.

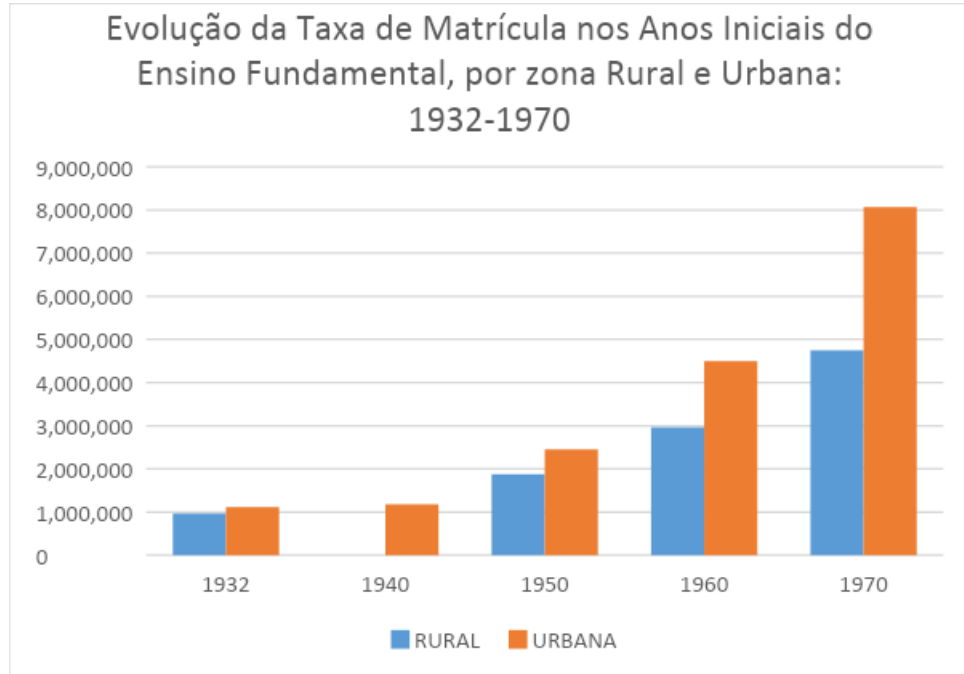
A escola era o órgão formador dessa mão de obra, havendo assim uma grande inserção de escolas no meio urbano para formar educandos para o mercado de trabalho (ROMANELLI, 1986).

Este aumento absurdo da educação determinou a migração do campo para cidade, intensificando a transferência de boa parte da população rural para urbano e a desigualdade de escolas e alunos matriculados, cada vez maior o número de alunos matriculados nas instituições urbanas e decaindo os da zona rural.

Todavia, o maior impacto nessas políticas educacionais e desenvolvimentistas foi com relação à reprodução cultural de históricas dualidades brasileiras, por exemplo, entre o urbano desenvolvido e o rural atrasado, entre o urbano do litoral e o rural do campo e/ou sertão,

segregando ainda mais os habitantes do campo, vistos apenas como mão de obra desqualificada e barata.

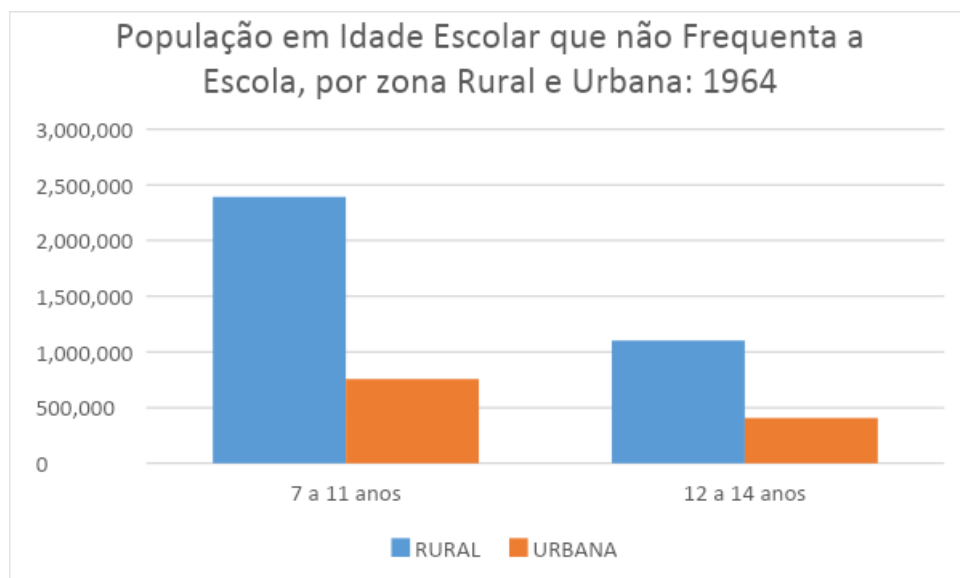
Figura 2: Taxa de matrícula nos anos iniciais do Ensino Fundamental 1932 e 1970



Fonte: Romanelli (1986).

Portanto, a educação do país foi se tornando restrita, não havendo expansão para outras áreas a não ser as que movessem o capitalismo, deixando de considerar a realidade local que as populações se encontravam.

Figura 3: População em idade escolar que não frequenta a escola



Fonte: Romanelli (1986).

Diante deste cenário, houve uma enorme defasagem na frequência dos estudantes das escolas do campo em relação às das cidades, que como podemos observar no gráfico acima, construídos com dados do ano 1964, que também foi o ano da Revolução Militar, os números da não frequência aumentaram. Isso ocorreu justamente pelo fato da elite está insatisfeita com os projetos que vinham sendo realizados pelo governo, sendo o ponto de partida para tornar o Brasil na década de setenta totalmente urbanizado, uma vez que o regime militar investiu mais na educação urbana, resultando na transição definitiva do Brasil rural para o Brasil urbano (ROMANELLI, 1986).

No entanto, conforme a evolução da desigualdade do atendimento educacional ao mundo rural, em relação ao urbano, acabaram sendo reproduzidas as desigualdades desde as épocas coloniais e imperiais, aumentando as desigualdades no meio rural, uma vez que se consolida a ideia da cultura do campo como inferior e atrasada, e sendo apenas considerados como a população que deve ir para cidade - o único lugar onde teriam condições e oportunidades para crescerem como cidadãos atuantes na sociedade.

Assim sendo, com o passar dos anos o ensino no campo não recebeu as oportunidades observadas no meio urbano, por atenderem realidades diferentes, necessitando de propostas pedagógicas que contemplem a vivência rural e contribua para o seu desenvolvimento.

A análise do sistema educacional, sobretudo das diretrizes operacionais para educação Básica nas escolas, leis e constituições educacionais que foram redigidas e praticadas no decorrer dos anos, indica uma adequação nos currículos escolares na direção da valorização do meio rural, no sentido de uma educação voltada para a realidade em que se encontram.

Mas, para que o ensino e aprendizagem sejam totalmente voltados para a realidade dos estudantes do campo não basta que o currículo seja adequado, é necessário também que o professor considere os conhecimentos prévios dos alunos, para de fato compreender o cotidiano dos mesmos, contribuindo assim com o desenvolvimento dos saberes; além de trazer para a discussão da aula o contexto em que eles se encontram, estimulando a reflexão, criticidade, produtividade para a construção dos conhecimentos.

Porém, para que haja a concretização da aprendizagem, os professores, órgãos educacionais e instituições de ensino têm que entender o que é o currículo e qual é seu papel.

Logo, o currículo do Ensino Básico é um documento norteador de práticas pedagógicas dos professores, sendo importante e essencial no contexto escolar para orientar o ensino e aprendizagem contribuindo na interação entre aluno e professor; uma ferramenta usada por diferentes sociedades para auxiliar no desenvolvimento, transformação e

aperfeiçoamento dos conhecimentos constituídos historicamente, com intuito de socializar os educandos de acordo com a realidade em que estão inseridos.

Desta forma, os currículos não podem se restringir apenas aos conteúdos, mas sim considerar o espaço escolar, a realidade socioambiental, no qual a cultura local e a instituição de ensino se encontram.

Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que foi homologada no ano de 2017, procura resolver este problema, já que ela determina os conhecimentos e as habilidades essenciais que todos os alunos têm o direito de aprender, tanto nas escolas particulares como nas escolas públicas, sendo elas urbanas ou rurais, devendo construir seus currículos com base em competências de aprendizagens, mas tendo como princípio geral o respeito à história e à diversidade da realidade de cada escola.

No Brasil, um país caracterizado pela autonomia dos entes federados, acentuada diversidade cultural e profundas desigualdades sociais, os sistemas e redes de ensino devem construir currículos, e as escolas precisam elaborar propostas pedagógicas que considerem as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes, assim como suas identidades linguísticas, étnicas e culturais, (BRASIL, 2017 p. 15)

Portanto, a BNCC mostra que ao elaborar o currículo deve-se considerar a realidade do aluno e ao propor as competências de aprendizagens sua realidade deve ser considerada. Sendo assim, a BNCC é coerente, pois enfatiza que para assegurar o ensino e aprendizagem ao longo da Educação Básica os estudantes devem desenvolver dez competências gerais, garantindo assim seus direitos de aprender e de se desenvolver, em que destacamos a sétima:

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo. (BRASIL, 2017, p. 9)

Mas como desenvolver essa competência de acordo com a realidade dos alunos que vivem no campo?

Diante da competência apresentada, podemos notar que não tem como contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares de acordo com as diferentes modalidades de ensino, pois esta competência não abrange a realidade da escola do campo, em que a mesma possui uma produção voltada para o meio familiar, e assim não a contemplando associada ao meio regional e global, ou seja, não considerando a cultura local das famílias do campo como

uma instituição voltada para a formação de sujeitos, mas para atender unicamente o mercado de trabalho.

Assim, o currículo promovido pela BNCC não contempla o ensino do campo porque seu cotidiano é marcado por outros elementos culturais historicamente constituídos, estes a partir do meio ambiente local. Portanto, a BNCC além de ser incoerente reforça a padronização dos currículos, constituindo um modelo que já devia ter sido superado na educação brasileira.

Perante essa situação temos empecilhos, pois nas competências que a BNCC propôs para a Educação Básica e, em específico, para o ensino de ciências, não estão evidenciadas as diferenças entre o currículo da escola urbana e do campo, conseqüentemente, não considera a realidade dos alunos.

Desta forma, como poderíamos construir um currículo para as escolas do campo, elaborados juntamente com a comunidade escolar, para que o processo educacional esteja baseado na sua realidade?

### 3. EDUCAÇÃO NO CAMPO: TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS ATUAIS

Neste capítulo serão abordadas as trajetórias e as perspectivas atuais da educação do campo, por meio de uma linha do tempo, onde serão analisados os marcos históricos delimitadores do seu processo educacional, sua trajetória, suas orientações e como se encontram estas discussões nos tempos atuais.

Logo, para poder entender esta trajetória é necessário explorar os marcos históricos no processo de educação do Brasil, que se inicia logo após a independência e à primeira constituição, outorgada em 1824.

Em primeiro lugar, em nossa primeira constituição o tema educacional é contemplado, mas sem resultar em expressiva modificação do que até então havia sido norma no Período Colonial, ou seja, o descaso com a educação da maioria da população.

Mas a constituição de 1824 já aponta alguns caminhos, pois nela é assegurada a educação gratuita para todos os cidadãos e que os conteúdos a serem ensinados sejam elementos da Ciência, Belas letras e Artes (NOGUEIRA; BALEEIRO, 1824).

Mas em momento algum se refere à educação do campo, visto que a economia do país desde a época da colonização era gerada em torno da agricultura, como ressalta o parecer de Edla Soares presente nas Diretrizes Curriculares Nacionais:

[...] o Brasil ter sido considerado um país de origem eminentemente agrária, a educação rural não foi sequer mencionada nos textos constitucionais de 1824 e 1891, evidenciando-se, de um lado, o descaso dos dirigentes com a Educação do Campo e, do outro, os resquícios de matrizes culturais vinculadas a uma economia agrária apoiada no latifúndio e no trabalho escravo (BRASIL, 2013 p.268).

Neste sentido, o ensino que foi desenvolvido desde o período colonial se sustentava na ideologia da contrarreforma católica, ou seja, por um lado desconsiderava-se a educação para os povos que já se encontravam ou que chegaram ao país, indígenas, africanos e agregados, objetos somente da catequese, e, por outro lado, valorizavam uma educação clássica para a elite, como cursos de filosofia e teologia, uma educação elementar para a população livre, como a educação primária para as mulheres dessa elite através de preceptores.

Após a primeira constituição esse modelo de desenvolvimento continuou a atender a elite, pois excluía a população pobre do país da participação de decisões importantes na constituição da sociedade, como por exemplo, o direito ao voto, em razão que o índice de

analfabetização era muito alto, e uma vez que boa parte dos povos não tinha conhecimento de seus direitos.

Dessa forma, após três anos da constituição de 1824, esperava-se que com a elaboração da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1827, a educação do campo seria inserida ao sistema educacional, mas não foi.

Segundo Brasil (1827), as escolas de primeiras letras deveriam ensinar os seguintes conteúdos para os alunos do sexo masculino: leitura, escrita, as quatro operações matemáticas e a geometria geral; e para os do feminino seria ensinado leitura, escrita, bordado, costura e o cozinhar, para poder assim atender a economia doméstica, deixando de lado as noções geométricas.

Definindo também que a educação imperial seria aplicada em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos de todo o império, portanto, não mencionando na lei a educação rural, pois não levava em consideração a realidade que os povos se encontravam.

Assim o ensino estava sendo praticado de forma padronizada para todos, como afirma, a seguir, a lei 15 de outubro de 1827.

Art. 1º – Em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, haverá escolas de primeiras letras que forem necessárias.

Art. 6º – Os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática da língua nacional, e os princípios de moral cristã e de doutrina da religião católica apostólica romana, proporcionando á compreensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil. (BRASIL, 1827)

Neste contexto, com o passar dos anos as demandas pela educação foram crescendo e se constituindo pelas classes médias, que enxergavam a educação como um ingresso social, principalmente para o processo de industrialização. Mas para as pessoas que se localizavam no campo, estas demandas por uma educação não foi se quer considerada, pelo fato do cenário ser outro em relação à cidade, (BRASIL, 2013).

Entretanto, a educação para o campo começou a ser cogitada quando o êxodo rural começou a se tornar presente no país, e, conseqüentemente, cada dia mais as pessoas do campo estavam migrando para meio urbano, já nas primeiras décadas do século XX, em busca de emprego e condições de vida melhor para suas famílias, já que o trabalho desses camponeses não estava sendo valorizado.

[...] a introdução da educação rural no ordenamento jurídico brasileiro remete às primeiras décadas do século XX, incorporando, no período, o intenso debate que se processava no seio da sociedade a respeito da



importância da educação para conter o movimento migratório e elevar a produtividade no campo. A preocupação das diferentes forças econômicas, sociais e políticas com as significativas alterações constatadas no comportamento migratório da população foi claramente registrada. (BRASIL, 2013 p. 269).

Diante disso, os governantes perceberam que deveriam analisar melhor as questões agrícolas, para assim poderem conter o êxodo rural e garantir a permanência do homem no campo.

Essa postura decorria do fato de que sabiam que sem a agricultura familiar faltaria alimento no mercado e isto interferiria no desenvolvimento da economia. Sendo assim, foram formuladas na constituição brasileira de 1934 as primeiras menções à educação do campo.

A Constituição de 1934, acentuadamente marcada pelas idéias do Movimento Renovador, que culminou com o Manifesto dos Pioneiros, expressa claramente os impactos de uma nova relação de forças que se instalou na sociedade a partir das insatisfações de vários setores *cafeicultores, intelectuais, classes médias e até massas populares urbanas* (BRASIL, 2013, p.270)

Portanto, este período da constituição contribuiu com acentuadas reformas educacionais, pautando discussões sobre as relações de intuições de ensino com a sociedade, além de trazer inovações, quando comparados às outras constituições que as antecederam, como mostra o voto da relatora Edla Soares:

No caso, firma a concepção do Estado educador e atribui às três esferas do poder público responsabilidades com a garantia do direito à educação. Também prevê o Plano Nacional de Educação, a organização do ensino em *sistemas*, bem como a instituição dos Conselhos de Educação que, em todos os níveis, recebem incumbências relacionadas à assessoria dos governos, à elaboração do plano de educação e à distribuição de fundos especiais. Por aí, identificam se, neste campo, as novas pretensões que estavam postas na sociedade (BRASIL, 2013 p. 270).

A partir desse contexto foi dado um grande passo em relação à educação do campo, pois neste momento o ensino na zona rural não se encontrava integrado como forma de trabalho, mas sim direcionado para a participação nos direitos sociais.

Através da lei, portanto, o país teve que assumir responsabilidades e assegurar o atendimento escolar do campo. Porém, vale ressaltar que de início só deram atenção para a educação do campo por interesses, pois estavam preocupados com o desenvolvimento agrário e não com a escolarização do meio rural. Isto posto, o parecer de Soares (2001) traz os contrapontos e críticas nas mudanças do dispositivo constitucional.

Nesse sentido, algumas pessoas interpretavam o dispositivo constitucional como um ato nacional de interiorização do ensino, onde poderiam estabelecer práticas que expandissem cada vez mais o domínio da elite sobre os camponeses, já que a maioria da população do país se encontrava no campo, além de ser à base da economia. Já outras viam o texto legal como forma de estratégia para manter sob controle os conflitos conseqüentes do modelo civilizatório, que reproduzia na sociedade o abuso de poder da elite agroexportadora.

Diante dessas reflexões sobre a situação em que se encontrava a educação do Brasil, principalmente a do campo, foi então aprovado no ano de 1996, pela segunda vez, um documento constitucional que trazia a educação do campo à LBB, a lei maior que normatiza a educação do país, como uma determinação da Constituição de 1988 – a constituição cidadã.

Em 10 de dezembro de 1996 a lei n 9394/96 foi aprovada e passou a contribuir decisivamente com a educação, o ensino e a aprendizagem no campo; aperfeiçoando e regulamentando o ensino em todos os níveis educacionais; garantindo o direito à toda população em relação ao acesso à educação gratuita e de qualidade; valorizando os profissionais da educação; e estabelecendo o dever da União, do Estado e dos Municípios com a educação pública.

Art. 28 Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente.

I — conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II — organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar as fases do ciclo agrícola e as condições climáticas;

III — adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL, 1996)

Na medida em que estas conquistas foram sendo apropriadas pela educação do campo, entre 2001-2002, com a aprovação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, com relatoria da professora Edla Soares, foi reforçada a importância de tratar a educação rural como direito à igualdade e respeito as suas diferenças.

Nesse parecer, onde a questão da educação no campo é historicamente fundamentada e onde são detalhados os principais equívocos e soluções conceituais e operacionais, logo aprovado e instituído pela Câmara de educação Básica do Conselho Nacional de Educação e pelo Ministério da educação, a educação rural foi ocupando espaços e seu currículo reconhecido como específico em relação ao proposto para as zonas urbanas.

Em específico, a estruturação dos currículos para o campo deveria incluir conteúdos voltados para os valores culturais, artísticos e ambientais das regiões que os educandos estão inseridos, reconhecendo assim a diversidade sociocultural dos mesmos.

[...] Reconhece a diversidade sócio-cultural e o direito à igualdade e à diferença, possibilitando a definição de diretrizes operacionais para a educação rural sem, no entanto, recorrer a uma lógica exclusiva e de ruptura com um projeto global de educação para o país (BRASIL, 2013, p. 278).

No entanto, não bastava reconhecer, mas teria que trazer propostas pedagógicas que atendesse efetivamente o ensino rural a partir de conceituações claras sobre o que é do próprio do campo em relação do que é próprio do urbano, no contexto mais amplo das diferentes realidades brasileiras.

Assim, a decisão de propor diretrizes operacionais para a educação básica do campo supõe, em primeiro lugar, a identificação de um modo próprio de vida social e de utilização do espaço, delimitando o que é rural e urbano sem perder de vista o nacional (BRASIL, 2013, p. 278).

Desde modo, as Diretrizes Operacionais para Educação Básica das Escolas do Campo foram instituídas e passaram a constituir os princípios e procedimentos que adaptam o projeto institucional das escolas do campo, reforçando a importância da educação, normalizando os movimentos e leis que garantem a educação do campo no sistema de ensino e valorizando a luta dos camponeses.

O caminho para a conquista do direito à educação do campo foi lento e o seu reconhecimento pelo sistema de ensino alcançado somente no século XXI, mas até então só temos o reconhecimento e o respeito à cultura sócio-ambiental, a importância de obter um currículo que considere o ambiente que os sujeitos estão inseridos, mas em momento algum trás propostas pedagógicas ou um modelo de currículo a ser trabalhado nas escolas rurais.

Diante dessa preocupação as diretrizes curriculares nacionais, entre o ano de 2003 - 2007, começaram a trabalhar nessa perspectiva, solicitando que o Conselho de Nacional Educação (CNE) orientasse medidas que garantisse o atendimento da educação às pessoas do campo, proporcionando-as uma educação contextualizada e destinada a fortalecer a agricultura familiar (BRASIL, 2013).

Desta forma, a construção das Diretrizes Curriculares da Educação do Campo foi um passo importante, por auxiliar os professores a reorganizar suas práticas educativas, aproximando-se cada vez mais da realidade dos sujeitos do campo.

Mas necessita-se de mais!

Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular de 2017, complementando as DCN de 2013, aborda conhecimentos e habilidades essenciais que todos os alunos têm o direito de aprender, inclusive as competências de aprendizagens, além de afirmar que na construção dos currículos para o ensino do campo deva-se considerar as identidades dos alunos e alunas.

Porém, mesmo que a BNCC reconhece a importância de levar em conta realidade dos educandos, ela não abrange as especificidades do campo, devido ao fato de estar ainda voltada à formação de sujeitos para o mercado capitalista, essencialmente urbano.

Portanto, como podemos observar, todas as leis e normas que retrata a educação do campo possuem lacunas e estas necessitam ser superadas, pois os problemas nas escolas são pertinentes, como os fechamentos das escolas e deslocamento dos alunos do meio rural para urbano, entre outros.

Para que isso não continue acontecendo é necessário que as escolas do campo recebam todo apoio do sistema educacional, que se elabore planos educacionais que realmente valorizem a realidade socioambiental rural, contribuindo assim para a formação dos camponeses para atuarem no meio que vivem.

#### **4. A ATUALIDADE SOCIOAMBIENTAL DA REGIÃO DO RIO GRANDE – SUL DE MINAS GERAIS**

Este capítulo tem o intuito de construir uma análise ambiental da realidade atual da região do rio Grande – Sul de Minas Gerais, lugar de minha atuação educacional, para poder relacionar/comparar posteriormente, no capítulo IV, com a realidade dessa mesma região outrora existente nas primeiras décadas do século XIX. Ou seja, objetivando desenvolver um programa de estudos em Ciências Biológicas nas escolas no campo do Sul de Minas Gerais, resultado prático desse estudo, realizamos uma análise histórico-regional partindo da realidade socioambiental local, do presente para o passado, para podermos compreender a trajetória ecológica dessa região, sobretudo os intervenientes que resultaram tanto na degradação ambiental, os aspectos inerentes à exploração econômica e social, como também os aspectos que proporcionaram a construção de uma cultura própria, esta que caracteriza a diversidade socioambiental do Sul de Minas Gerais e que deve orientar os processos educacionais escolares no campo.

Segundo Bloch (2002), a história sempre faz do presente, logo devemos buscar compreender a realidade atual para assim compreender o passado, pois os temas do presente condicionam e delimitam o retorno ao passado.

Dessa forma, para poder entender como se encontra o ambiente da região do rio Grande realizamos uma análise de sua bacia, justamente por ela revelar uma grande diversidade ambiental devido às interações com os fatores climáticos, geológicos e botânicos, bem como por também ser constituída por dois biomas Brasileiros, a saber, a Mata Atlântica e o Cerrado. Ou seja, trata-se de uma região de transição ecossistêmica, um ecótono, que vem secularmente sendo modificada pela interferência e ação do homem diante de sua enorme riqueza.

Como trás Melo e Borges (2016), a bacia do rio Grande está localizada entre as três maiores regiões metropolitanas do país, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo.

Em relação à geração de energia elétrica, em Minas Gerais somente no Rio Grande existem cerca de doze usinas hidrelétricas instaladas, responsáveis, por um lado, pelo desenvolvimento econômico do país, mas, por outro, gerando enormes problemas ambientais devido à pressão decorrente da exploração dos recursos hídricos da bacia, sendo assim responsáveis pela lentificação causadas pelos barramentos, lançamentos de efluentes urbanos, industriais e agrícolas, além da erosão e assoreamento provocado pelo grande desmatamento,

que vem ocorrendo ao longo das décadas, ocasionando a redução da vegetação nativa da bacia em um pequeno fragmento de sua cobertura original (MELO; BORGES, 2016).

Nesse sentido, explorando um pouco mais as características dos lugares que pertencem e rodeiam a bacia do rio grande, por meio da análise do livro “Rio Grande, peixes e pessoas” podemos observar que o meio ambiente vem sofrendo mudanças com o passar dos anos e assim compreender como é a formação deste ambiente determinando suas características atuais.

Logo, para entender a realidade atual em que se encontra a região do rio grande, foi realizada uma pesquisa socioambiental em três âmbitos que compõe a sua bacia, agrupando em cinco categorias os elementos ambientais que possuem em comum e, posteriormente, uma pesquisa social para relacionar ambos os aspectos.

Essa pesquisa foi realizada na obra/documento *Rio Grande: ambiente, peixes e pessoas* (2016), a partir da qual estabelecemos quadros sínteses sobre os principais indicadores socioambientais atuais.

O Quadro 1, intitulado *Análise ambiental da região do rio Grande Atual* (2016), identifica os principais aspectos da realidade ambiental.

Quadro 1: - Análise ambiental da região do rio Grande Atual (2016)

<b>Âmbitos/ lugares</b>	<b>Características das paisagens</b>	<b>Características da vegetação</b>	<b>Características do solo</b>	<b>Características Hidrográficas</b>
Rio das mortes, Barbacena e São João Del Rei	Floresta estacional Semicidual, Montana e Campo	“O solo geralmente sob floresta ou mesmo cerradão” (pág73)	[...] Representa as pastagens e a Silvicultura [...] possui solos profundos e relevo movimentado [...] pág. 78. Mas também apresenta nesta área[...] alto nível de rochosidade e também solos rasos[...] (Pág. 73)	[...]Na cabeceira e do alto do rio grande [...] (pág. 72)

Fonte: Melo e Borges (2016).

De acordo com as características presentes nos três lugares do rio grande aqui selecionados, podemos ver que o ambiente do Sul de Minas Gerais é bem variado. Neles, as características da vegetação no entorno do afluente do rio das mortes e das cidades de

Barbacena e de São João Del Rei apresentam uma vegetação em forma de floresta ou de cerradão, em que sua diversidade é influenciada por vários fatores, principalmente pela zona climática e pelo relevo que se situa na bacia, resultando em paisagens com características de florestas estacionais semidecíduas, bem montanhosas e com campos (MELO; BORGES, 2016).

Na categoria características hidrográficas, podemos observar que o rio Grande nasce na Serra da Mantiqueira, próximo ao pico das Agulhas Negras, na confluência dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, vertendo suas águas à montante para o Sul de Minas de Gerais.

Seu curso, inicialmente, aflui para o norte para em seguida, próximo de Carrancas e São João Del Rei, realizar uma mudança de rumo em direção noroeste.

Desta forma, o seu curso compõe os limites naturais da região do Sul de Minas, devido a isso, área denominada de região do Rio Grande, pois enfeixa todas as cidades juntamente com a Serra da Mantiqueira, ao sul, e a serra de Mogi-Guaçu, a noroeste.

Portanto, o curso do Rio Grande possui uma queda d'água natural importante e assim se configurando como uma área que hoje conta com a presença de inúmeras usinas hidrelétricas, que com sua construção e atividade foi interferindo na conformidade do rio e afetando a correnteza dos ecossistemas lóticos, pois:

A construção dessas usinas em cascata ocasionou um grande impacto sobre o rio grande, fazendo com que restassem poucos trechos lóticos significativos [...] o rio grande se converteu em uma seqüência de lagos artificiais e os trechos lóticos são praticamente inexistentes” (MELO; BORGES, 2016 p. 16).

Além disso, como traz Melo e Borges (2016) não é somente as usinas hidrelétricas que vem interferindo na disposição do rio e dos ecossistemas que o rodeiam, mas a agricultura e a pecuária também são outros fatores que estão contribuindo com as mudanças nas vegetações, conseqüentemente exercendo pressões sobre a bacia, pelo fato de está cada vez mais substituindo a vegetação nativa por pastagens e campos antrópicos.

Mas as relações ecológicas são mais complexas e em conjunto pressionam ainda mais a degradação ambiental, pois os solos das três regiões analisadas no sul do rio Grande apresentam alto nível de rochiosidade (Campos Rupestres), sendo rasos ou profundos com relevo movimentado, características que contribuem para as pastagens. Segundo Melo e Borges, (2016 p. 73):

[...] no alto e médio rio grande e está relacionado a solos com relevo ondulado a forte ondulado, o que evidencia problema para mecanização, devido tanto ao relevo mais movimentado quanto a presença de pedregosidade ou mesmo rochiosidade [...]. (MELO; BORGES, 2016 p. 73):

Portanto, a substituição do cerradão vem dando lugar as gramíneas próprias para os gados, extinguindo toda a diversidade de espécies arbóreas típicas daquele ambiente. Além de interferir na fauna, pois os animais característicos deste âmbito migram ou se extinguem por não ter fonte de recursos naturais para sua sobrevivência.

Por sua vez, na análise do documento, as características da fauna não foram abordadas no presente capítulo porque, e isso é deveras perturbador em termos conservacionistas, os autores perceberam que não há especificidade da fauna originária pertencente à região do rio Grande, apenas cita as possíveis espécies de peixes presente na região.

Como evidencia Drummond et al (2009), não há uma estimativa ao certo para os números de espécies de peixes de água doce presentes em Minas Gerais, por não se ter um levantamento bem sistematizado das descrições que possa assegurar os números. Mas, de acordo com os dados obtidos recentemente, estima-se que existam cerca de 354 espécies no estado, apontando que 88 das espécies de peixes estão presente na bacia do rio grande (VIEIRA et al, 2008).

Entretanto, encontra um grande déficit de conhecimento diante ictiofauna do estado, mesmo que algumas instituições de ensino superior de Minas Gerais possuam projetos e trabalhos dedicados aos estudos da biodiversidade de peixes em suas diferentes modalidades, se faz necessário ampliar os conhecimentos diante da fauna de peixes, procurando priorizar e investir em linhas de pesquisas sobre a taxonomia de peixes, para sim poder conseguir realizar um melhor levantamento da lista de espécies (DRUMMOND et al, 2009). Uma vez que, os estudos e levantamentos de informações sobre as espécies de peixes foram mais abrangentes apenas para uma bacia que compõe o estado, as demais se sabem bem pouco. Percebe - se que é necessário investir em pesquisas que expanda o desenvolvimento dos conhecimentos para adquirir uma lista mais detalhada da biodiversidade de peixes.

De acordo com Drummond et al (2009), outro fator que está afetando a distribuição das espécies de peixes é a extinção, no qual, muitas estão sendo eliminadas antes mesmo de serem descritas. Com o passar dos anos os pesquisadores esperavam encontrar maior numero de espécies diferentes em suas listas. Este aumento de fato aconteceu, mas não foi na variedade e sim na quantidade de uma mesma espécie, devido às mudanças ambientais, como desmatamento, barramentos, poluição e a perda degradativa de habitats, que intensificaram a



competição entre as espécies por recursos naturais para sobreviverem, ocasionando mudanças na disposição das listas estaduais tanto pela inclusão como exclusão.

Ainda com relação às espécies ameaçadas de extinção dentro do Estado, cabe destacar que mais de 75% foram avaliadas como Criticamente em Perigo (CR). Esse fato demonstra que, além de aumentar o conhecimento acerca dessas espécies, serão necessárias medidas efetivas e urgentes de conservação que permitam reverter esse quadro (DRUMMOND, et al., 2009, p.194).

Além dos peixes outros animais que também estão presentes nas regiões aqui selecionadas, são os répteis. Justamente pela região apresentar distintas formações na vegetação e solos mais rochosos, característicos dos biomas Cerrados e Mata Atlântica, que são habitats naturais dessas espécies, principalmente os lagartos e serpentes (SOUSA et al, 2010). Visto que, esses dois biomas são considerados os mais ameaçados do planeta devido suas grandes riquezas, o que acarreta interesse ao homem, que estão cada vez mais se apropriando dos recursos naturais.

Contudo, vale ressaltar que a fauna mineira é muito rica, devido aos biomas que as compõe que proporciona uma grande diversidade na região, constituídas por varias espécies endêmicas como aves, répteis, anfíbios, mamíferos e insetos. Mas de acordo com as regiões analisadas ao redor do rio grande, podemos observar que se têm poucos registros científicos sobre a fauna que constitui as mesmas, no qual foi possível identificar apenas os peixes e répteis.

Diante disso, a expansão da industrialização e implantação da mecanização em Minas Gerais, com o decorrer dos anos, foi um dos os principais fatores que desencadeou as relações capitalistas de produção. Fomentando principalmente a cultura cafeeira, devido ao clima e fertilidade que se apresenta favorável na terra mineira, contribuindo com a inserção de inúmeras unidades industriais voltadas para a produção agrícola (DIAS, 1985).

A inserção dessa estrutura agrária capitalista em Minas Gerais também foi aos poucos modificando os aspectos socioculturais da população sul- mineira, pois enquanto no início do século XIX o seu contexto socioambiental ainda se caracterizava pela riqueza e diversidade, um século depois, início do século XX, contexto da expansão cafeeira no Sul de Minas, a realidade socioambiental local havia se alterado sobremaneira. Modernizando hábitos, cultura e vida social, sejam elas urbana ou rural, passa a apresentar mudanças profundas nas suas raízes histórico-sociais, antes baseadas em modos tradicionais de relações entre o homem e a natureza, agora identificada pelos modos urbano-capitalistas.

Nesse sentido, Marques (2009 p.41) aponta que:

O apego exagerado e a veneração quase religiosa ao passado só começaram a se dissipar nas primeiras décadas do século XX, quando o estado passa por um processo de re-urbanização, com a migração de grandes contingentes de pessoas para os grandes centros urbanos, devido a um intenso processo de industrialização e fortalecimento das redes urbanas de serviços. Assim o estado, firmado enquanto potencia agropecuária no Brasil, se moderniza e transforma-se também em um grande pólo industrial e de serviços. (MARQUES, 2009 p.41)

Por isso, o rio grande, as nascentes e os elevados índices pluviométricos da região sul mineira, que eram próximos aos centros urbanizados e industriais que necessariamente exigiam um grande consumo de energia, se tornaram atrativo para geração de energia elétrica.

Pelo fato do ambiente ser rico em recursos hídricos sua exploração foi intensificada a partir dos anos 1960 e hoje em dia a capacidade de geração de energia elétrica representa em torno de 17 por cento do total do país. (MARQUES, 2009)

Essa exploração provocou profundas alterações na paisagem, por exemplo, com a substituição da vegetação nativa por pastagens e áreas alagadas/submersas pelos grandes reservatórios das hidrelétricas, impactando não somente a região Sul, mas todo o Estado de Minas Gerais.

[...] As plantas industriais concentram-se nas áreas central e sul, a agropecuária capitalista modernizada é mais expressiva nas porções sudoeste e Triângulo, enquanto que na vertente norte-nordeste predominam as atividades agropecuárias exploradas em pequenas propriedades, nas quais predominam relações não capitalistas de produção, escassa infraestrutura e condições naturais adversas. Assim, a produção de espaços mineiro está diretamente associada à atuação do poder público que possibilitou a expansão de lógicas capitalistas em determinadas áreas e marginalizou as demais (HESPANHOL et al, 2015 p. 56).

Ainda segundo Marques (2009), atualmente o parque industrial mineiro destaca-se em terceiro lugar no país, com a mineração, metal de mineração, metalúrgicas, têxtil, alimentícias, construção civil e química, onde o sul de Minas Gerais é considerado grande potência agropecuária, enfatizando as culturas de café, banana, cana de açúcar, soja, milho, abacaxi, cebola e feijão, além bovinocultura, avicultura, suinocultura e produção de leite e queijos.

Portanto, consolida-se em Minas uma forma de vida diversa de ser e se expressar, em razão de que o legado das características marcantes do processo de descoberta e de ocupação do território mineiro foram profundamente alteradas.

Contudo, apesar da sua diversidade sociocultural também ter sofrido grandes alterações, o Sul de Minas ainda conserva aspectos de sua identidade cultural instituída entre os séculos XVIII e XIX. Seja através das manifestações artísticas, seja através das práticas religiosas e não religiosas, atualmente ainda é possível identificar os diferenciais de sua cultura entre as várias regiões do Estado, onde se misturam encenações acompanhadas por danças fantasias e música.

Nos dias atuais há, entre outras manifestações, apresentações de inúmeros grupos de danças, de companhias de teatro, de música erudita, de canções sertanejas, de feiras de artesanato e de comidas típicas, exposições agropecuárias, além de um riquíssimo artesanato constituído de diferentes meios de expressão (CALDEIRA, 2009 p.4).

Conjunto sociocultural que resiste juntamente sua ainda distinta realidade ambiental, em que procissões e celebrações da Quaresma e Semana Santa, festas juninas e festas populares de santos padroeiros, continuam presentes nos costumes da população do Sul de Minas Gerais. Campo cultural mineiro que continua sendo referência nacional, por seus grandes escritores, músicos, artistas, além da sua idolatrada gastronomia que repercute inclusive internacionalmente. (CALDEIRA, 2009)

Em síntese, por meio desta análise foi possível entender quais são as características socioambientais que constituem a região rio Grande na atualidade e como a natureza atual está composta, evidenciando como as relações entre sociedade e natureza explicam o conjunto das permanências e mudanças nas suas características outrora existentes, principalmente devido aos fatores econômicos que interferiram no seu meio ambiente, provocando mudanças nos ecossistemas e extinguindo várias espécies essenciais para manutenção da biodiversidade do Sul de Minas Gerais.

## **5. ASPECTOS DA HISTÓRIA ECOLÓGICA DA REGIÃO DO RIO GRANDE: SÉCULOS XVIII E XIX**

Entre o século XVIII E XIX vários exploradores europeus, conhecidos como viajantes naturalistas embarcaram em distintas viagens atlânticas para conhecer os âmbitos naturais e sociais da América Latina, oportunidade aberta a partir dos inúmeros processos de independência colonial. Conseqüentemente, o Brasil se tornou uma terra bem mais visada pelos viajantes nesta época, pelo fato de ser em grande parte desconhecida, além de ser considerada uma terra com muitas fontes de riquezas e recursos naturais, despertando a curiosidade e interesse nos estrangeiros de quererem descobrir novas terras e desbravar novos horizontes (ECKARDT, 2009).

Portanto, com a abertura dos portos no ano 1808, o Brasil se tornou bem mais acessível para os estrangeiros entrarem e conhecerem suas diversas regiões, passando a contribuir sistematicamente com a identificação, distinção e classificação ambiental do nosso país, como as características dos solos, fauna e flora.

Nesse contexto o sul de Minas Gerais recebeu vários visitantes estrangeiros, entre eles cientistas, naturalistas e artistas, a partir de 1816, revelando um país diante de inúmeras perspectivas ao mundo e mesmo ao povo Brasileiro.

Entre os ilustres viajantes que percorreram Minas Gerais encontramos o naturalista Francês Auguste de Saint-Hilaire, que foi um dos estrangeiros que descreveu mais detalhadamente o ambiente do Sul de Minas, tanto devido aos seus conhecimentos de ciências naturais, especialmente botânica, tanto devido ao seu interesse pela sociedade, descrevendo sua população, suas terras, paisagem e conhecimentos que hoje conhecemos como etnoecológicos, seus saberes, usos e costumes locais, em várias viagens em lombo de burro.

Esses saberes, usos e costumes, produzidos entre os séculos XVIII e XIX, ou seja, entre o Brasil colonial e imperial, pertencem a uma série de áreas do conhecimento, que aqui são privilegiadas como interdisciplinares entre a história e as ciências biológicas e sistematizadas recentemente como sendo um campo da história ecológica.

A definição mais aceita recentemente desse campo interdisciplinar considera que a história ecológica se preocupa, sobretudo, com as interrelações e reciprocidades entre os sistemas sociais e os sistemas ambientais em uma dada região, território, espaço, e essas que determinam as formas de ser e de desenvolver ambos os sistemas em diferentes períodos de tempo.

A tarefa de uma história ambiental que seja ecologicamente convincente, sem deixar para trás algumas perspectivas fundamentais das ciências sociais, consiste em compreender a interação dos sistemas naturais e socioculturais. Pode unir-se assim nas novas correntes da sociologia ambiental e da ecologia humana, que objetivam evitar tanto o reducionismo sociológico como natural e que desenvolvem conhecimentos interdisciplinares e integradores. (SIEFERLE, 2001, p. 38)

Essa definição é aglutinadora após uma longa caminhada epistemológica, por vezes contraditória e incômoda, como as posturas do determinismo geográfico, das visões e conceitos de história ecológica.

De modo que, a história ambiental procura compreender as ações dos seres com o ambiente. Entende-se por o paradigma do determinismo geográfico a história ecológica das populações por meio da antiguidade, que evidencia que o caráter do ser humano e as formas culturais são definidos de acordo com as propriedades climáticas e as características do ambiente natural (SIEFERLE, 2001).

Esta relação entre o clima e a história cultural foi por vários anos objeto de estudos históricos e ainda é, pois, está muito presente na visão do Darwinismo Social, onde é utilizada para determinar hierarquias entre os seres humanos a partir de características raciais estabelecidas por aqueles que se consideram superiores e/ou melhor, adaptados.

Outro conceito de história ecológica ultrapassado, que também é ressaltada por Siefertle, é a visão fundamentada nos aspectos idealistas e materialistas. Nestas visões atribuiu-se um papel central às interpretações dos seres associados ao culturalismo e não à história cultural. Isto é, uma visão imensamente antropocêntrica, em que as formas de produção ou uma superior consciência humana estariam no centro do poder decisório, tanto para a explicação social e os níveis de controle sobre a organização das sociedades, como para a explicação da natureza para servir aos propósitos dessas organizações sociais. Pois, como a explicação das diferentes fases do desenvolvimento humano recaía sobre os homens, e era compreendida de forma evolutiva e progressiva, a “natureza” era sempre vista como apática e imutável, ou seja, não poderia ser um fator decisivo na constituição de pessoas e sociedades.

Já a visão interacionista da história ecológica, ou história cultural, como também é conhecida e apresentada inicialmente, reforça o princípio norteador de uma circularidade de valores entre a natureza e os humanos, questionando a dinâmica do ambiente natural na cultura e, ao mesmo tempo, procurando saber como a cultura material afeta as relações naturais.

Portanto, este estudo adota o conceito de história ecológica e/ou cultural para o ensino das ciências na Educação Básica, na medida em que compreendemos a realidade

socioambiental, discutida no capítulo anterior, como resultante da interação entre pessoas e meio ambiente no Sul de Minas Gerais, tratando-se de um processo temporal de largas dimensões que só pode ser compreendido através de um diálogo entre períodos histórico-ambientais.

Esse diálogo histórico-ecológico entre períodos socioambientais privilegiou dois tempos ou horizontes culturais no Sul de Minas, entre o presente e o início da instituição dessa região na passagem do século XVIII para o século XIX, à época classificada pelo viajante naturalista Auguste de Saint-Hilaire como a região do rio Grande.

Mas ia subindo pouco a pouco, e de repente o aspecto da região mudou como o cenário de um teatro. Vi-me diante de uma enorme extensão de colinas arredondadas, cobertas unicamente por um capim acinzentado, entre as quais se viam aqui e ali tufos de árvores verde-escuros, como que jogados ao acaso. Entrei então na região dos campos. Eu sabia que chegaria lá nesse dia, mas o que tinha visto, dois anos antes, na estrada de Vila Rica, não me havia absolutamente preparado para uma mudança tão brusca. A minha reação foi a da mais viva surpresa e admiração. Aquela extensão de campos a perder de vista davam uma imagem bem menos imperfeita do infinito do que o mar quando olhado de um ponto pouco mais elevado, e a imagem ainda se tornava mais viva por ter eu acabado de emergir do meio de uma floresta primitiva, onde muitas vezes quase que se podia tocar com a mão as formas que limitavam o horizonte. [...].

O importante rio Grande banha em seu curso superior as terras que eu tinha acabado de percorrer e lhes dá o nome (região do Rio Grande). (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 47 e 49).

Esses conceitos integram as visões dos viajantes naturalistas formados na Europa na segunda metade do século XVIII, como Saint-Hilaire, herdeiros de Alexander Von Humboldt, enciclopedistas e, portanto, formados em diversas disciplinas, sociais e naturais.

Eles assim podem ser compreendidos como historiadores ecológicos, pois estavam preocupados em distinguir não somente os espaços naturais, mas também determinar como as pessoas e sua cultura se relacionavam com o meio ambiente, explorando, conservando e/ou se constituindo através das diversas e específicas formas de interações socioambientais.

Para definirmos os âmbitos em que esses viajantes percorreram no Sul de Minas Gerais, entre os séculos XVIII e XIX, território da região do rio Grande, apresentamos o mapa abaixo, no qual se destacam seus arraiais, caminhos, igrejas, rios, orografia, enfim, um conjunto de especificidades histórico-ecológicas.

Figura 4: Mapa de toda extensão da Campanha da Princesa feixada pelo Rio Grande



aspectos sociais (isolamento social e distinção cultural entre etnias, pobreza, exploração e segregação social, patriarcado, estratégias sociais, distinção e transformação social, hábitos e costumes de gênero, vida social rural e urbana).

Quadro 2: Características Socioculturais do Sul de Minas Gerais: séculos XVIII-XIX.

<b>Isolamento social e distinção cultural entre etnias</b>	<b>Pobreza, exploração e segregação social</b>	<b>Patriarcado, estratégias sociais, distinção e transformação social</b>	<b>Hábitos e costumes de gênero</b>	<b>Vida social rural e urbana</b>
<p>Nesta região ainda falta tanto gado quanto poderá comportar. Faz-se muitas vezes grande caminhada, sem ver uma só cabeça. Os proprietários das fazendas têm geralmente imensas extensões de terras, sendo-lhes impossível aproveitá-las, pois não querem agregados. [S.-H., diários, p. 45]. Enviara José à frente, ordenando-lhe que mostrasse meus passaportes ao comandante, e com ordem de lhe pedir algum pequeno pouso para ali pernoitar. Voltou e disse-me que o comandante estava na roça e não deixara ninguém que lhe substituísse. O</p>	<p>A dona da casa, antes de partir, tivera o cuidado de enclausurar as suas negras. Ouvimo-las cantar o dia todo, mas quando chegou a noite puseram-se a brigar, e a lançar-se em rosto, reciprocamente, as suas aventuras amorosas para, depois, continuarem a cantar como antes. [S.-H., diários, p. 47]. Além disso, pouco a pouco, todos os habitantes brancos [de S. José] acabaram se mudando. O lugar é habitado apenas por mestiços, pretos, mulatos e outros, e é muito pobre. [L., p. 36]. Um dos meus negros,</p>	<p>O que, sobretudo lhe valorizava a polidez era seu ar de satisfação e bondade. Depois de jantar, os filhos de meu hospedeiro, dos quais os mais velhos têm de vinte a vinte e cinco anos, pediram ao pai, respeitosamente, a bênção e beijaram-lhe as mãos. É um hábito antigo, mas que caiu em desuso em muitas famílias. Devo notar que nas casas onde se conservam estes costumes antigos e respeitáveis encontro maior soma de virtudes e simplicidade. [S.-H., diários, p. 51-2]. Hoje, não há mais lavras entre S. João e Juruoca e apenas se contam duas ou três de pouca importância nestes arredores. Segundo o que</p>	<p>Eu acabara de comer, apareceu a filha de minha hospedeira com dois filhos. Esta mulher, embora já passada a primeira mocidade, ainda é conservada. Os trajes tinham algo de teatral e pitoresco. Trazia vestido de chita com grandes ramagens, lenço amarrado à moda de turbante, al alto da cabeça, e o peito descoberto segundo o costume da capitania. Trazia ao pescoço dois ou três colares de ouro, de um dos quais se pendurava enorme relicário do mesmo metal. Enfim, a um dos ombros trazia, atirada descuidadamente, uma capa de pano vermelho, com que se envolveu de diferentes maneiras durante</p>	<p>[...]. Os donos da casa estão ausentes, mas seus negros disseram-me que eu poderia aqui passar a noite. [...]. As cidades, como já disse, são apenas povoadas, durante a semana, pela mais vil canalha; alguns artífices, em sua maioria homens de cor, mandriões e rameiras. [S.-H., p. 65, diários]. [...], resolvi subir e soube que meus companheiros de viagem haviam pernoitado aqui e ido para a gruta [no rio Elvas]. [...]. Esse fenômeno extraordinário consiste de um grande rochedo, situado numa espécie de planície, formado de pedra calcária grossa e de cor azulada. [...]. Em</p>



<b>Isolamento social e distinção cultural entre etnias</b>	<b>Pobreza, exploração e segregação social</b>	<b>Patriarcado, estratégias sociais, distinção e transformação social</b>	<b>Hábitos e costumes de gênero</b>	<b>Vida social rural e urbana</b>
<p>vigário, a quem apresentara os meus papéis, fechara-se em copas depois de os devolver. Fomos então obrigados a procurar um canto, em pequena venda, onde me deram uma sala imunda e cheia de pulgas. À noite, fomos testemunha de grande rixa entre mulatos. [S.-H. diários, p. 65]. O registro da Mantiqueira foi colocado mesmo na raiz da serra [...]. Ao chegar, apresentei-lhe o passaporte, recebeu-me polidamente, mas logo depois me falou em vistoria da bagagem. Disse-lhe que nos seis anos em que viajara no Brasil sempre me haviam poupado tal formalidade. Era-me inteiramente indiferente que se me abrissem as malas, mas portador de um salvo-conduto do Príncipe, dando-me o</p>	<p>que, em cinco anos, nunca ficara doente, contraiu a boubá, uma doença africana que dizem ser contagiosa e parecida com a sífilis. [...]. Disse-lhe que preferia vender o negro do que arcar com mais despesas ainda, pois o hospital custa 9.800 reis por mês, a viagem de volta custaria entre 4.000 e 6.000, e eu ainda perderia, de qualquer forma, o trabalho de um homem para a viagem. Por isso, decidi que seria melhor vendê-lo, e ele me pagou imediatamente o valor, sem dúvida pequeno, de 150.000 réis em prata. [L., p. 37]. A Vila de Campanha, ou propriamente, Vila da Princesa da Beira, [...] é, depois da Vila de São João d'El-Rei, a mais</p>	<p>me disse o cura, as conjecturas que formava ontem sobre a população desta cidade estão perfeitamente fundadas. Não é habitada durante a semana senão por mercadores, operários e prostitutas. Mas aos domingos e dias de festa, torna-se um lugar de reunião para todos os agricultores da comarca. [S.-H., pp. 53-4, diários]. Sua casa e roupas, e as dos filhos, só revelam a indigência. Creio, porém, que nas províncias do centro da França, uma casa, igualmente pobre, se apresentaria menos suja. Não o seria tanto, também em outras partes desta Capitania. [S.-H., diários, p. 60]. Encontrei aqui D. Gloriana, mulher do capitão Merelis, proprietário de Itanguá. Como</p>	<p>a conversa. Na comarca de S. João as mulheres se mostram um pouco mais do que nas outras partes da Capitania de Minas. Todavia, como tal hábito não é ainda corrente, as que aparecem não o fazem senão desprezando preconceitos e assim ostentam muitas vezes certa desenvoltura que tem algum tanto de repulsivo. [S.-H., diários, p. 49-50]. É fato observado por todos os viajeros, que os mineiros, embora isto surpreenda diferem inteiramente pelo caráter e pelo físico dos habitantes das outras capitánias, sobretudo dos paulistas. O mineiro tem, em geral, estatura esbelta e magra, peito estreito, pescoço comprido, o rosto um tanto alongado, olhos pretos vivos, cabelo preto na cabeça e no</p>	<p>seu interior, toda a rocha está rachada em muitas direções, formando uma porção de grutas, grandes e pequenas, algumas delas apresentando formas estranhas: aqui, uma igreja ou capela com um púlpito; lá, passagens subterrâneas, que conduzem a grandes galerias. [...]. Por volta de 1h, chegou um grupo de senhores de São João del Rei e aqui fizeram um piquenique na Segunda-Feira de Pentecostes, para o qual trouxeram farto suprimento de arroz e carne. [L., p. 30, diários]. Nossos guias fizeram um desvio e nos trouxeram, primeiro, a Nossa Senhora do Matozinhos, uma espécie de subúrbio da vila, onde a maioria dos ricos tem uma casa de campo e um parque. [L., pp.</p>

<b>Isolamento social e distinção cultural entre etnias</b>	<b>Pobreza, exploração e segregação social</b>	<b>Patriarcado, estratégias sociais, distinção e transformação social</b>	<b>Hábitos e costumes de gênero</b>	<b>Vida social rural e urbana</b>
<p>direito de passar livremente por toda a parte, era de meu dever reclamar contra qualquer violação do privilegio honroso que me fora dado. O comandante respondeu-me que não poderia, sem se comprometer, eximir-se da vistoria, mas esta não seria severa. [S.-H., diários, p. 66]. [...]. A roubalheira nas tabernas tinha se estendido, assim, na pessoa do Sr. Lázaro, da Europa para o interior do Brasil. [L., p. 37]. Encontrei o proprietário de uma fazenda dando ordens para dois negros – mais do que isto ele não tinha. Ela se aproximava deles dizendo as seguintes palavras: “Deus dê prosperidade e bom êxito ao seu trabalho!” Depois de explicar-lhes onde e a que distancia</p>	<p>importante e populosa da comarca do Rio das Mortes. [...]. Aqui, vimos diversas e bonitas casas de dois pavimentos, providas de janelas envidraçadas, um dos mais custosos ornamentos no interior do Brasil. Com a riqueza e o comércio, porém, pareceu-nos que o luxo e a corrupção dos costumes andam de par. Como médicos, tivemos, sobretudo, oportunidade de observar a incrível difusão da sífilis e as suas incalculáveis consequências no físico e no moral dos habitantes. Não só a generalização do contágio vai reduzindo bastante a população, mas também o despudor, com que dela se fala abertamente, oferecendo o</p>	<p>estivesse muito endividada, deixou sua terra e veio estabelecer-se nesta cidade, onde casara uma das filhas. Vendo-me passar na rua, chamou-me e encheu-me de gentilezas. [S.-H., p. 61]. Pertencem a ricos particulares da vizinhança e levam fumo ao Rio de Janeiro. Um dos proprietários dessas tropas possui 300.000 cruzados, e, todavia, seus filhos tangem os burros. Nas comarcas de Sabará e Serro Frio, os pais fazem, muitas vezes, grandes sacrifícios para dar alguma educação aos filhos. Nesta de S. João, liga-se muito menos importância à instrução. Isto provém de que os homens mais ricos desta região, como por exemplo este que acabo de citar, são europeus que, nas suas pátrias, pertencem às</p>	<p>peito; tem, por natureza, um certo garbo nobre, e o seu modo de tratar é muito delicado, obsequioso e sensato; no gênero de vida, é sóbrio e, sobretudo, de feição cavalheiresca. Em todos esses traços, tem ele muito mais semelhança com o animado pernambucano do que com o paulista pesado. Tal como o primeiro, parece também ele ter certa predileção pelos produtos e modas da Europa. Como os ingleses, o mineiro faz muita questão de grande asseio no trajar e do fato branco, sobretudo nos dias de festa. O seu fato nacional de uso comum difere do dos paulistas. Em geral, ele traja jaqueta de tecido de algodão ou de pano preto de Manchester, colete branco com botões de ouro, calças de veludo ou de</p>	<p>30-1, diários]. A Vila de Campanha, ou propriamente, Vila da Princesa da Beira, [...] é, depois da Vila de São João d’El-Rei, a mais importante e populosa da comarca do Rio das Mortes. [...]. Aqui, vimos diversas e bonitas casas de dois pavimentos, providas de janelas envidraçadas, um dos mais custosos ornamentos no interior do Brasil. Com a riqueza e o comércio, porém, pareceu-nos que o luxo e a corrupção dos costumes andam de par. Como médicos, tivemos, sobretudo, oportunidade de observar a incrível difusão da sífilis e as suas incalculáveis consequências no físico e no moral dos habitantes. Não só a generalização do contágio vai reduzindo</p>

<b>Isolamento social e distinção cultural entre etnias</b>	<b>Pobreza, exploração e segregação social</b>	<b>Patriarcado, estratégias sociais, distinção e transformação social</b>	<b>Hábitos e costumes de gênero</b>	<b>Vida social rural e urbana</b>
<p>deveriam conduzir a água para empurrar a terra, revolve-la ou arrastá-la, ele voltava passeando para casa e dizendo: “Deus dê prosperidade ao seu trabalho!” A todas as objeções que eu lhe fazia, respondia sempre com o argumento de que tinha esperança de poder ganhar muito com pouco trabalho. [L., p. 40]. O brasileiro tem disposição alegre, pronto para divertir-se. Na Estiva, uma quinta solitária, com vastos campos magníficos, circundados de montanhas isoladas, estavam os moradores em festa, dançando o batuque; mal souberam da presença de viajantes estrangeiros, convidaram-nos para entrar e presenciar os divertimentos. [...]. Apesar da feição obscena</p>	<p>sentimento moral, além de lesar os direitos do sexo feminino, ao qual não é permitido exercer influência sobre o modo de pensar dos homens, nem pode fundamentar a felicidade conjugal. Estas tristes condições, que são a mancha mais sombria na pintura do caráter brasileiro, ainda mais se agravam pelo grande número de escravas negras e concubinas (mulheres de cama) manteúdas. Como o trabalho manual da lavagem do ouro é exclusivamente executado pelos escravos negros, o senso perturbado dos brancos também faz que repilam como desonroso qualquer serviço, mesmo o da lavagem e</p>	<p>mais baixas classes da sociedade e nada aprenderam. [S.-H., diários, p. 67]. Observamos na vasta fazenda de Santa Bárbara a perfeição de lavoura inteligentemente administrada, que somente agora, no declínio da exploração das minas de ouro se está fazendo valer na província. [...]. Nota-se esse efeito, sobretudo na condição dos escravos, que são saudáveis e alegres e mantêm com os donos relações verdadeiramente patriarcais. [S. y M., p. 196.], passando por Boa Vista, Brambinho e arraial das Lavras do Funil; [...]. Tomamos por este último caminho, pois contrariava-nos descer desta região serena, onde, sem sermos perturbados, podíamos</p>	<p>pano de Manchester e botas compridas de couro, brancas, que são atadas acima do joelho com fivelas; o chapéu de feltro com abas largas serve de guarda-sol; a espada e, não raro, o mosquete, além do guarda-chuva, são seus companheiros inseparáveis, desde que sai de casa. As viagens, mesmo as mais curtas, não as fazem senão montados em bestas. Estribos e freios são aqui de prata, e do mesmo metal é o cabo do facão que eles escondem na bota. As mulheres viajam em liteiras puxadas por bestas carregadas por negros, ou se sentam numa cadeirinha segura às costas de mulas, vestidas com larga amazona azul e chapéu de abas. No mais, excetuando a cabeça, que é protegida apenas por guarda-sol, elas vestem-se à</p>	<p>bastante a população, mas também o despudor, com que dela se fala abertamente, oferecendo o sentimento moral, além de lesar os direitos do sexo feminino, ao qual não é permitido exercer influencia sobre o modo de pensar dos homens, nem pode fundamentar a felicidade conjugal. Estas tristes condições, que são a mancha mais sombria na pintura do caráter brasileiro, ainda mais se agravam pelo grande número de escravas negras e concubinas (mulheres de cama) manteúdas. Como o trabalho manual da lavagem do ouro é exclusivamente executado pelos escravos negros, o senso perturbado dos brancos também faz que repilam como desonroso</p>

Isolamento social e distinção cultural entre etnias	Pobreza, exploração e segregação social	Patriarcado, estratégias sociais, distinção e transformação social	Hábitos e costumes de gênero	Vida social rural e urbana
<p>desta dança, é espalhada em todo o Brasil e por toda parte é a preferida da classe inferior do povo, que dela não se priva, apesar da proibição da igreja. Parece ser originária da Etiópia e introduzida pelos escravos negros, no Brasil, como muitos outros hábitos, e criou raízes. [S. y M., p. 191].</p> <p>Como em toda Minas Gerais, também aqui [S. João del Rei] a gente abastada é muito hospitaleira para com os estrangeiros, mas sobretudo quando eles trazem cartas de recomendação de conhecidos. [S. y M., p. 209]</p>	<p>criação de gado. São tantos aqui os desocupados, que se costuma chama-los como uma classe: - a dos vadios. Aqui, portanto, observa o viajante, ao lado da maior opulência, os mais tristes quadros da miséria humana, da indigência e da depravação. [S. y M., pp. 198-9].</p>	<p>entregar-nos à alegria com que na montanha a alma do viajante se sente rejuvenescida. O acolhimento amável, verdadeiramente patriarcal que nos deram no alto da montanha solitária, numa quinta isolada, a Fazenda do Córrego dos Pinheiros, condizia com nossa disposição de espírito. [...]. Os inúmeros filhos da casa esforçavam-se, entretanto, por nos entreter com cantigas singelas nacionais, que acompanhavam ao som da viola. [S. y M., pp. 201-2].</p>	<p>moda de França, tendo a bainha da saia de baixo não raro guarnecida com flores, ou mesmo com galantes versos, bordados ou impressos. [S. y M., pp. 209-10].</p>	<p>qualquer serviço, mesmo o da lavagem e criação de gado. São tantos aqui os desocupados, que se costuma chama-los como uma classe: - a dos vadios. Aqui, portanto, observa o viajante, ao lado da maior opulência, os mais tristes quadros da miséria humana, da indigência e da depravação. [S. y M., pp. 198-9, relatos].</p> <p>É fato observado por todos os viajeros, que os mineiros, embora isto surpreenda diferem inteiramente pelo caráter e pelo físico dos habitantes das outras capitanias, sobretudo dos paulistas. O mineiro tem, em geral, estatura esbelta e magra, peito estreito, pescoço comprido, o rosto um tanto alongado, olhos pretos vivos, cabelo preto na cabeça e no</p>

Isolamento social e distinção cultural entre etnias	Pobreza, exploração e segregação social	Patriarcado, estratégias sociais, distinção e transformação social	Hábitos e costumes de gênero	Vida social rural e urbana
				<p>peito; tem, por natureza, um certo garbo nobre, e o seu modo de tratar é muito delicado, obsequioso e sensato; no gênero de vida, é sóbrio e, sobretudo, de feição cavalheiresca.</p> <p>Em todos esses traços, tem ele muito mais semelhança com o animado pernambucano do que com o paulista pesadão. Tal como o primeiro, parece também ele ter certa predileção pelos produtos e modas da Europa. Como os ingleses, o mineiro faz muita questão de grande asseio no trajar e do fato branco, sobretudo nos dias de festa. O seu fato nacional de uso comum difere do dos paulistas. Em geral, ele traja jaqueta de tecido de algodão ou de pano preto de Manchester, colete branco com botões de ouro, calças de veludo ou de</p>

Isolamento social e distinção cultural entre etnias	Pobreza, exploração e segregação social	Patriarcado, estratégias sociais, distinção e transformação social	Hábitos e costumes de gênero	Vida social rural e urbana
				<p>           pano de Manchester e botas compridas de couro, brancas, que são atadas acima do joelho com fivelas; o chapéu de feltro com abas largas serve de guarda-sol; a espada e, não raro, o mosquete, além do guarda-chuva, são seus companheiros inseparáveis, desde que sai de casa. As viagens, mesmo as mais curtas, não as fazem senão montados em bestas. Estribos e freios são aqui de prata, e do mesmo metal é o cabo do facão que eles escondem na bota. As mulheres viajam em liteiras puxadas por bestas carregadas por negros, ou se sentam numa cadeirinha segura às costas de mulas, vestidas com larga amazona azul e chapéu de abas. No mais, excetuando a cabeça, que é protegida apenas         </p>

Isolamento social e distinção cultural entre etnias	Pobreza, exploração e segregação social	Patriarcado, estratégias sociais, distinção e transformação social	Hábitos e costumes de gênero	Vida social rural e urbana
				por guarda-sol, elas vestem-se à moda de França, tendo a bainha da saia de baixo não raro guarnecida com flores, ou mesmo com galantes versos, bordados ou impressos. [S. y M., pp. 209-10. Texto reproducido en este campo en función de los análisis subsiguientes].

Fonte: Barbosa (2008).

Quadro 3: Características ecológicas do Sul de Minas Gerais: XVIII-XIX

Local/Lugares	Paisagem	Vegetação	Solos	Rios	Fauna
Camanducaia	Sierras interrumpidas, cubiertas de matorrales que forman profundos valles. Media 14° R. [17,5° C - verano].	Matas vírgenes y campos [S.-H.].	Granito rojo: cristales, feldespato y mica negra, depósito de cienito.	Innúmeros arroyos de mata transbordados (Noviembre a febrero) a perder de vista, arrancando puentes, excavando la estrada y transformando las bajadas [vargens] en lagunas permanentes; lluvias torrenciales.	
Río Mandu	Región baja en gran parte cubierta de matas.	En sus márgenes [mata ciliar] llena de árboles enterizos, con porciones de arbustos de murtas, sebastianias y chomélias; área		Río lleno durante el verano e insignificante durante el invierno; transbordado, con 1 kilómetro y medio de ancho;	

Local/ Lugares	Paisagem	Vegetação	Solos	Rios	Fauna
		de campos inundados.		proximidad de aguas sulfurosas de Caldas.	
Río Cervo	Vestigios de lavaje de oro; el aspecto general es de ruina y salvajería.	Mayor parte cubierta de matorrales bajos.	Montaña de micaxisto, depósito de cuarzo y turmalina, blanco o blanco y verde, arcilla roja.		
Río Sapucaí	Escenario de desolación: puentes arrancadas, muchos obstáculos; morros cubiertos de matas y valles abajo en la sierra de San Gonzalo y de la Paciencia, revestidas de matas "alpinas".	Valle con matorrales bajos, bellos campos con relva; Murtas, Rhexias, Melastomáceas, Labiadas; En las matas existencia de jatobá o jataí, Crótons; Vegetación de campo "alpino"; Colinas cubiertas de tufos de matorrales verde-gris; Las bajadas llenas de árboles pequeños de hojas pequeñitas.	Suelo alagadizo; Las montañas, en general, de granito amarillo, mica negra con barro rojo.	Aguas profundas e impetuosas. Márgenes cubiertas por arbustos de ingá y sebastianas, serpia.	Galiñolas, noitibós, coruja nocturna; En los márgenes comunes la cobra giboia y la Ariraña.
San Gonzalo	Vestigios de lavaje de oro, hace treinta años.		Montaña de granito, gneis, feldespato decompuesto en arcilla, blancas y violetas; mica plateada o verde; hilos de cuarzo aquí y allí salpicados de oro.		
Campaña de la Princesa	En un monte donde sobresale los	Región de campos y matas.			O nzas, macacos,



Local/ Lugares	Paisagem	Vegetação	Solos	Rios	Fauna
	vestigios de lavaje de oro.				aves.
Arrabal del Río Verde	Situado en una verde planicie de matorrales, circundado de matas.	Los alrededores de campos de gramíneas, valles cubiertos de arbustos cerrados.		En los márgenes del río Verde, con mitad del ancho del río Paraíba.	Gran cantidad de macacos, miriki o monos (Brachyteles hypoxanthus); cobra Urutu.
Río del Peje	Vestigio de lavaje de oro; vegetación dominada por la imagen de la sierra de la Mantiqueira y visión alpina.				
Campo Bello – Villa de S. Joan del Príncipe o Buena Vista y Lavras de Funil – a Leste.	Camino por Lavras, “región serena”, caminos poco frecuentados; Montaña de Capivari, sierra de Ingaí, sierra Blanca ramificaciones en la sierra de la Mantiqueira. Cuestas planas, longamente extensas con ramificaciones hacia los valles que reúnen las cadenas entre sí; abismos tremendos o gigantescos pináculos dispuestos en escarpas amenazadoras aquí no existen. Al	Sierras cubiertas hasta la cumbre de baja vegetación; imponentes Velosias azules y Barbaceneas variegadas, familia de las Liliáceas; Familias de las gencianas las muchas Lisiantas.	Mica; Grés elástico en montañas con inclinación de 60 a 70 grados. En el valle Grés cuarzos azulado y talcoso; Montañas de Itacolomito; Cerca del río Capivari Xisto argiloso eflorescente.	Arroyo de los pinos: campos alpinos.	

Local/ Lugares	Paisagem	Vegetação	Solos	Rios	Fauna
	<p>contrario, la vista es tranquilizadora, valles no muy profundos, con las cabezas de las colinas guarnecidas de pastos, en los cuales tienen aquí y allí arroyos. No se tiene la idea Alpina, dentados, todavía no es aspecto de naturaleza inferior: lo característico es la grandiosidad de par con la simplicidad y suavidad – “Plató ondulado”.</p>				
Río Ingáí	Región deserta camino de las tropas – <b>idea de paraíso.</b>	Guaraná, Paulinia Sorbilis, planta aún no descripta.			
Camino para S. Joan del Rey – descripción del río Grande en que los autores caracterizan toda la región – cuenca hidrográfica.	<p>En una profunda garganta del valle alcanza el camino el río Grande, que nace no lejos de allí, en la montaña del río Aiuruoca. Interes ante, para el naturalista, es la situación natural de la cuenca hidrográfica del río Grande.</p>	<p>Contigüidad de la estructura de la cuenca del río Grande en el río Paraná. Bajadas y en los márgenes cubiertas de mato cerrado, arbustos, gramíneas y campos a perder de vista: el Mateo congonha (Cassine congonha), Cajueiro nanico (Anacardium humile Mart) e innumerables</p>	<p>Granito feldespato amarillo, mica negra, cuarzo blanco. El conjunto de la cuenca hidrográfica del río Grande predomina el Itacolomito y el oro. Formación rocosa de la región del río Paraná también es la</p>	<p>La torrente aquí no tiene aún más de diez metros de ancho, pasando por un alto lecho de roca encerrado por lindos campos y colinas que forma aquí un salto muy importante.</p>	

Local/ Lugares	Paisagem	Vegetação	Solos	Rios	Fauna
		especies de malpighias, murtas y guabirobas (Psidium).	misma del río Grande: micaxisto o granito primitivo.		
Pasaje del río Grande, sierras de Capivari y Vitoria.	Es <b>idílica la región!</b> Todavía solitaria y deserta;	Compostas; Rheixas; Gramíneas;	Hierro de mina; Oligisto;	Región del río de las Muertes cubiertas de valles y áreas pantanosas.	

Fonte: Barbosa (2008).

Os Quadros 2 e 3 fornecem os dados para compreendermos como as pessoas no século XVIII e XIX se relacionavam com os espaços naturais e socioculturais no Sul de Minas Gerais e, a partir deles, estabelecer o diálogo com a atualidade.

No primeiro quadro, características socioculturais, onde são abordados os aspectos sociais do Sul de Minas Gerais, podemos observar que as propriedades locais eram grandes, em que a produção que geravam fontes de renda era familiar e todos de uma certa forma estavam envolvidos. Por isso, os grandes fazendeiros desta época apesar de possuírem muitas terras, não tinham muito plantio e nem criação de gados, pois não gostavam de ter pessoas desconhecidas trabalhando em suas terras.

Além de que, os fazendeiros eram bem espertos e sabiam que, se muitas pessoas soubessem da riqueza e fertilidade da terra para o plantio, iriam cada vez mais explora-las e eles ficariam sem fonte de recursos naturais, o que acarretaria problemas em sua produção e ao ambiente. Portanto, a produção era voltada para meio familiar, mesmo que muitos senhores tivessem escravos trabalhando em suas casas.

Justamente, por viverem em comunidade e serem muito religiosos, as famílias eram muito unidas, e os filhos demonstravam muito respeito aos seus pais, o que não era de costume de ser ver em outras regiões do Brasil.

Até porque estavam quase todo tempo junto no campo, iam à cidade apenas para negócios ou algumas comemorações. Visto que, o número de vilas na região de Minas era bem menor, e as populações se situavam mesmo no meio rural. Estando constantemente em contato com a natureza.

Diante das diferenças de classe sociais, os mineiros eram pessoas bem determinadas acreditavam em seus sonhos e tinha muitas esperanças em seus olhares de que tudo um dia iria melhorar, trazendo contigo alegria e gentileza.

Já no segundo quadro características ecológicas, podemos observar que a região sul-mineira, apresentava uma grande biodiversidade, com diversas paisagens com formações diferentes, rica em variedades de espécies.

Sendo assim, é notável que a relação/ interação do ser humano com o ambiente era bem diferente do que se apresenta hoje. Pelo fato dos costumes e a cultura serem outros. Por exemplo, os modos de confecção de roupas, como os tecidos e materiais utilizados não contaminavam, exploravam e poluíam tanto meio ambiente, pois era confeccionado de forma caseira, costurado e bordado a mão.

Portanto, ao explorar os recursos naturais percebe-se que as comunidades mineiras não os esgotavam, procuravam preservá-los para sempre os terem disponíveis, pois precisavam deles, principalmente das plantas com efeitos medicinais para combaterem doenças. Isso se dá pelo fato de várias regiões e cidades ao entorno do rio grande, como mostra o quadro acima possuírem grande variedade de espécies de animais, plantas e flores, fora as grandes extensões de matas e a presença abundante de fontes de água.

Como retrata Saint-Hilaire em suas viagens que realizou ao sul de Minas Gerais, em que, expressa a grande admiração pela a vegetação nativa que cobria boa parte do território mineiro. Que segundo a autora Eckardt, quando ele chegou ao Brasil, se surpreendeu com o que encontrou, pois:

Vindo de uma Europa na qual as florestas já tinham dado lugar à lavoura, e onde já havia muitas áreas urbanizadas, Saint-Hilaire se espantou com a presença da natureza bruta quase que esmagando o homem. As imensas extensões de mata ainda intocada, a incrível quantidade de plantas, flores e animais de inúmeras espécies, formando um todo que se estendia a perder de vista, era algo que praticamente ultrapassava o entendimento humano e impressionava por sua imponência. Ele impressionou-se também com as potencialidades de nosso país, dada a grande presença de recursos naturais: A paisagem que se apresenta aos olhos do viajante quando este entra na Comarca do Rio das Mortes às margens do Paraíba, tem algo que impressiona por um misto de desordem e regularidade selvagem (ECKARDT, 2009 p. 2).

Entretanto, mesmo com a exploração das minas de ouro, a região ainda era muito rica, pois além do ouro a economia girava em torno da agricultura familiar. Não era tão presente o agronegócio e nem a pecuária, porque o gado era utilizado apenas para o consumo de cada família.

Isto posto, o presente capítulo também tem o propósito de fazer uma análise socioambiental local a partir da construção/desconstrução histórica ecológica da região do rio grande nos séculos XIII e XIX, por meio da análise ambiental que foi realizada nos três

lugares situados à região do rio grande no capítulo três. No qual, foi possível entender a realidade atual dessas regiões, mas como veremos as características que constitui a ecologia dessas regiões nem sempre foram às mesmas, pois com o decorrer dos anos foram sofrendo mudanças.

Como aponta (BARBOSA, 2008) a história do ambiente e os conceitos que guiam os sujeitos, vão de acordo de como se estabelecem e relacionam com a natureza à medida que vão se evoluindo.

Dessa forma, o naturalista Saint-Hilaire em seu livro *Viagem pelas Províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais* traz como estavam constituídas a natureza e as sociedades dessa região há mais ou menos duzentos anos, quando o Brasil ainda era praticamente desconhecido pelos europeus não portugueses, uma vez que até 1808 estavam proibidos de adentrarem no país.

O quadro abaixo, análise ambiental da região do rio Grande há 200 anos demonstra as características do ambiente ao entorno do afluente rio das mortes, e as cidades de Barbacena e de São João Del Rei descritas por Saint-Hilaire.

Quadro 4: Análise ambiental da região do rio grande: séculos XIX

Âmbitos/ lugares	Paisagens	Vegetação	Solo	Hidrográfica	Fauna
Rio das mortes Barbacena e São João Del Rei	[...] “Desse modo, teríamos geralmente na comarca do rio das mortes, pastagens descobertas e uma população agrícola e pastoril” [...] (pág 87)	[...] “O cume dessas montanhas é coroadado de matas virgens e em suas encostas se estendem bosques vigorosos” [...] (pág. 88).	O terreno em que se assenta é elevado, montanhoso, agradável. Pag. 72	[...]“Por toda parte o rio é dominado por montanhas elevadas”[...] (pág. 88)  A água é pouco abundante mas o ar muito puro. Foi construída no cume de duas collinas extensas das quaes uma concorre perpendicularmente para o meio de outra e compõe-se de duas ruas compridas. Pag88	[...] “Tem algo que impressiona por um mixto de desordem e regularidade selvagem”[...] (pág. 88)

Fonte: Escritos de Saint-Hilaire (1937-1938).

Nas características das paisagens destaca-se que “[...] teríamos geralmente na comarca do rio das mortes pastagens descobertas e uma população agrícola (SAINT-HILAIRE, 1938p. 87)”. Logo, de acordo com dados obtidos no capítulo três não há muitas diferenças na paisagem, pois ambas apresentam pastagem, só que hoje em dia elas possuem uma extensão bem maior em relação aos séculos passados.

Já nas características da vegetação podem-se notar mudanças na vegetação com o passar dos séculos, pois no século XXI as plantas destas mesmas regiões são em forma de cerradão e sobre um pouco florestas, no qual a interferência do homem na natureza é bem evidenciada, pois a natureza já sofreu modificações não sendo todas nativas como nas décadas de 1810 e 1820 em que, as matas eram virgens.

[...] O cume dessas montanhas é coroado de matas virgens e em suas encostas se estendem bosques vigorosos [...] (SAINT-HILAIRE, 1938p. 88). No entanto, pode-se considerar que as partes mais elevadas da *zona dos campos* são cobertas unicamente de pastos de ervas, e que, nas partes mais baixas, as pastagens são pontilhadas de árvores. Assim, não encontrei senão campos formados de ervas e de subarbustos, numa imensa porção da comarca de S. João Del Rei (SAINT-HILAIRE, 2011p. 23).

Figura 5: Campos próximos a São João Del Rei (1824)



Fonte: Enciclopédia.itaucultural.org.br (2021).

A hidrografia do rio grande está bem diferente do que se observava há séculos atrás, por razão de não haver usinas hidrelétricas instalas no percurso do rio grande e a industrialização ainda não havia chegado ao sul de Minas Gerais nesta época. Com isso a

população ribeirinha não enfrentava problemas com o alagamento de vastas áreas, mudanças do percurso dos rios, e nem profundas alterações no ecossistema. Que geram grandes conseqüências ao ambiente, como destruição da vegetação natural, assoreamento do leito dos rios, extinção de espécies de peixes, pois as barragens que usina estabelece impedem a migração dos mesmos para se reproduzirem, sem falar nos impactos socioambientais com a população que depende do rio para se manterem que são deslocados para outras regiões, além da interferência nas mudanças climáticas. Que segundo Saint-Hilaire (1938 p. 88):

[...] Por toda parte o rio é dominado por montanhas elevadas [...] A água é pouco abundante, mas o ar muito puro. Foi construída no cume de duas colinas extensas das quais uma concorre perpendicularmente para o meio de outra e compõe-se de duas ruas compridas. (SAINT-HILAIRE, 1938 p. 88):

Sendo assim, com o passar dos anos o homem foi explorando as terras mineiras e mudando suas fisionomias, com o intuito de se evoluir economicamente foi deixando de lado os impactos ambientais que estava causando a natureza, cada dia mais comprometendo sua biodiversidade.

Entretanto, as características do solo não são muito distintas entre as épocas, visto que o terreno era elevado apresentando montanhas, onde era agradável de admirar a disposição da paisagem:

Terreno montanhoso, pastos nos altos; capões de mato nas baixadas. Antes de Barbacena era o mato. Em geral, mais comum do que os pastos. Depois desta cidade dá-se o contrario. Esta província, e principalmente a comarca de S. João é mais povoada que a maior parte das outras zonas do Brasil. Entretanto ontem, apenas vi uma fazenda antes de chegar a Barroso e não há senão uma entre Barroso e Elvas. Nas partes mais elevadas, os pastos compõem-se, principalmente, de gramíneas e oferecem muito poucos sub-arbustos. A medida · que o solo se abaixa, e fica mais húmido, as plantas lenhosas tornam-se mais comuns, enfim, nos · fundos e vizinhança de matos, o terreno mostra-se coberto de arbustos (SAINT-HILAIRE, 1938 p.77).

Figura 6: Pastagem tropical com um rio em Minas Gerais (1825-1829)



Fonte: Enciclopédia.itaucultural.org.br (2021).

Além disso, a fauna era de se impressionar, pois havia muitas espécies distintas, no qual, podia se observar uma grande diversidade e desordem na regularidade selvagem (SAINT-HILAIRE, 1938). Ao contrário do que se pode ver hoje, uma vez que várias espécies de animais característicos ao entorno dos lugares analisados se encontram em extinção e até mesmo já foram desaparecidas.

Portanto, para poder entender a realidade socioambiental que nos encontramos é necessário saber como é o presente, pois na procura de compreender a natureza que nos rodeiam ela condiciona o passado, ou seja, o presente faz o passado. Como evidencia Barbosa, (2008 p. 41- 42):

[...] demarca-se uma visão do presente para processar percursos históricos de práticas socioambientais como análises de culturas históricas, práticas específicas de um lugar, seus artefatos e recursos naturais, que identificam um continuum de aparições de sistemas simbólico-concretos, permanecendo, desaparecendo e aqueles que caracterizam diferentes períodos histórico-ambientais de um lugar [...]. (BARBOSA, 2008, p. 41-42).

Contudo, tanto os aspectos histórico-ecológicos levantados pelos naturalistas, quanto os aspectos socioambientais analisados em três regiões específicas ao redor do rio grande no sul de Minas, contribuíram para compreender a realidade ambiental do rio grande, permitindo que a partir desse entendimento possamos elaborar propostas de atividades complementares ao currículo para educação do campo, que respeite a realidade que os alunos estão inseridos. À medida que, os vínculos estabelecidos entre o homem e a natureza diante da compreensão



da história do ambiente demonstrem que a troca entre a cultura e o ambiente natural constitui o ambiente.

## 6. UMA EDUCAÇÃO NO CAMPO PARA O RESPEITO À REALIDADE SOCIOAMBIENTAL SUL-MINEIRA

Neste capítulo, buscamos discutir e propor um currículo para escola do campo que oriente as atividades educacionais de acordo com a realidade local, propondo atividades curriculares que contribuam com as bases da educação do campo.

Para elaborar essas atividades curriculares foi necessário fazer um levantamento histórico do ambiente, partindo do presente para o passado e orientada pelas propostas da BNCC, documento que estabelece as bases curriculares para a Educação Básica.

Dessa forma, proponho atividades práticas curriculares que complementem os conteúdos na área de Ciências Biológicas, para assim contribuir com o ensino nas escolas do campo respeitando sua realidade – região do rio Grande, Sul de Minas Gerais.

Nesse sentido, propomos o desenvolvimento de quatro temas para serem desenvolvidos com os professores do Ensino Fundamental, um para cada bimestre, realizando um contraponto entre o presente socioambiental dessa realidade local e o seu passado histórico-ecológico, descrito pelos viajantes naturalistas há aproximadamente 200 anos.

As orientações metodológicas para o desenvolvimento dessa proposta partiram do artigo *Darwin na Serra da Tiririca: caminhos entrecruzados entre a biologia e a história*, de Sandra Escovedo Selles e Martha Abreu (2002).

Os objetivos dessa atividade foram estruturados de acordo com a possibilidade de um estudo do ambiente com vistas ao desenvolvimento de valores histórico-ecológicos, como os de preservação ambiental, social, cultural, visando a valorização das tradições locais em relação ao seu meio ambiente.

O enfoque privilegiado é o de uma abordagem pedagógica ativa, construtivista, voltada para os professores, reunindo elementos de respeito a um ambiente extremamente alterado nesses últimos 200 anos, o Sul de Minas Gerais.

Para a realização dessa proposta pedagógica partimos do presente para o passado, como já analisado nos capítulos III e IV deste TCC.

Os temas a serem trabalhados são: *realidade atual, história ambiental, a importância da educação no campo a partir da realidade local e inventário ambiental a partir de imagens*, pois a partir da realidade atual (presente) será muito mais fácil entender o ambiente que os professores estão inseridos. Isso porque os alunos trazem para o ambiente escolar os conhecimentos adquiridos em seu cotidiano, ou seja, eles trazem a realidade que vivem e

essas perspectivas de forma alguma podem ser ignoradas pelos professores (PORTELA, 2007).

Assim sendo, organizamos em bimestre os temas a serem trabalhados.

### **1º Bimestre: A Realidade Socioambiental**

- A realidade ambiental do rio Grande;
- Os aspectos sociais e culturais do Sul de Minas Gerais.

### **2º Bimestre: Relacionar Realidade Socioambiental e História Ecológica**

- Apresentar a região do rio Grande através de um mapa produzido no século XIX;
- Destacar nesse mapa os aspectos histórico-ecológicos da região do rio Grande;
- Analisar as descrições dos escritos dos viajantes naturalistas sobre o meio ambiente, as pessoas e a cultura no Sul de Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX.

Procurando realizar um levantamento histórico do ambiente local, procurando efetuar um exercício de reconstrução histórica das possíveis transformações daquele ambiente, esses dois bimestres objetivam promover uma viagem ao passado social e ecológico do Sul de Minas Gerais.

Por meio desses registros, compreender a realidade enquanto resultado de uma construção histórica, concreta, realizada a partir de ações intencionais de homens e mulheres em diferentes contextos temporais e espaciais, pois a *história ambiental/ecológica* assim compreendida poderá contribuir muito para compreensão da realidade do campo, já que ela é vista como uma investigação das interações entre os sistemas sociais e naturais ao longo do tempo, permitindo o retorno ao passado para entender a realidade (PADUÁ, 2010).

Assim sendo, os temas seguintes estão estruturados da seguinte forma:

### **3º Bimestre: A Importância da Educação no Campo.**

- Analisar a trajetória e a atualidade da educação do campo;
- Contextualizar os movimentos de luta dos trabalhadores rurais por uma educação que seja voltada para a sua realidade;

- Relacionar Histórica Ecológica, realidade socioambiental e pautas socioambientais de luta do trabalhador no campo.

Em seguida, analisar as possibilidades de um trabalho de formação continuada de professores, a fim de proporcionar discussões acerca da educação do campo e a valorização da cultura, arte, crença e o ambiente em que estão inseridos, com intuito de permitir o reconhecimento de sua diversidade sócio cultural.

#### **4º bimestre: Inventário Ambiental a Partir de Imagens.**

- Sessão de fotografias do entorno da comunidade escolar;
- Exposição, apresentação e discussão sobre as fotografias.

Nessas atividades serão observadas imagens do ambiente local, fotografias, desenhos, pinturas, etc., para orientar um debate sobre a história ecológica sul mineira.

Os professores poderão destacar os olhares dos estudantes por trás das imagens, atuais e dos nossos antepassados: como eles veem a realidade em que se encontram e como podem interagir com essa natureza transformada. Assim, também poderão construir coletivamente conhecimentos, com alunas, alunos e outros e outras professores, a fim de proporcionar uma reflexão socioambiental e histórica ecológica sobre o Sul de Minas Gerais.

Essa teoria e metodologia de análise da realidade socioambiental e ecológica sobre a vida no campo permitiram refletir e compreender a disposição do ambiente, identificar, primeiramente, o que se deveria trabalhar com os professores e, sobretudo, em segundo lugar, os problemas acerca da degradação socioambiental da bacia do rio Grande.

Portanto, fundamentos da educação para a elaboração de objetivos que possam desenvolver valores socioambientais, estes enquanto tema gerador à compreensão da realidade e história do rio Grande, como aponta Selles e Abreu (2002, p.2).

A contribuição da história, conforme dela nos servimos, sugere uma possibilidade de utilizar um registro histórico como *tema gerador* em trabalhos ambientais. Primeiro, porque permite ampliar a visão sobre o ambiente, dimensionando-o no tempo humano, recolocando limites, estabelecendo fronteiras e, sobretudo, revelando a multiplicidade de olhares disciplinares que se fazem necessários para uma análise mais cuidadosa. (SALLES; ABREU, 2002, p. 2)

Além de que, ao aderir aos problemas ambientais locais como temas geradores nas atividades práticas escolares aprimora-se as reflexões diante das relações históricas,

ecológicas, educacionais e socioculturais, configurando assim um método pedagógico que proporciona ações transformadoras na formação cidadã dos estudantes (SELLES; ABREU, 2002).

Nesse sentido, para incluir atividades práticas no currículo que contribua com a educação do campo local é necessário buscar documentos que evidencie as características da determinada instituição rural nos dias atuais.

Por isso, analisei partes do livro *Rio Grande, Peixes e Pessoas*, pois ele forneceu os principais aspectos da região do rio Grande.

Então, adotar esta prática teórico-metodológica no ensino e aprendizagem do campo permite que os professores contextualizem os documentos com os conhecimentos prévios dos alunos em confronto com a atualidade da região.

Como diz Santos (2015), a educação no cenário rural deve agir de forma que os conhecimentos considerem os aspectos socioculturais, onde os currículos devem contemplar uma proposta que traga tanto os conteúdos da zona urbana como da zona rural, possibilitando que os alunos construam os conhecimentos de forma ampla, já que os alunos interagem no mundo global, viabilizando que os mesmos possam tomar decisões tanto no campo quanto na cidade.

Uma vez que, a educação rural é para vida em comunidade, a proposta de atividades significativas para escola do campo tem que integrar prática social e educativa, ou seja, uma educação voltada para as experiências de vida dos sujeitos do campo, em que a escola não precisa ser especificamente agrícola, mas vinculada à cultura que é gerada diante das relações sociais, intercedidas pelo trabalho com a terra (SANTOS, 2015).

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo sobre a realidade socioambiental e a história ecológica do Sul de Minas Gerais objetivamos produzir conhecimentos e compreensões para a educação das pessoas do campo amparadas na sua realidade, ao contrário do que ocorre com conteúdos que chegam de fora.

Esses objetivos se justificaram em virtude de que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz as orientações para a construção de um currículo a partir de competências, mas para os municípios e estados realizarem, inclusive propondo respeito à diversidade local, mas sem garantir pesquisas, formação continuada e produção de material didático às escolas do campo para que tais processos sejam realizados.

Em 2010, o CNE promulgou novas DCN, ampliando e organizando o conceito de contextualização como a inclusão, a valorização das diferenças e o atendimento à pluralidade e à diversidade cultural resgatando e respeitando as várias manifestações de cada comunidade [...]. (BRASIL, 2017, p. 11)

Essa determinação evidencia que estados e municípios devem estabelecer e implantar as diretrizes pedagógicas, seus currículos e formas de atuação, sempre, nunca é demais lembrar, procurando respeitar a realidade regional, local e estadual dos alunos e professores, de acordo os seguintes artigos da LDB e BNCC:

Art. 35-A. A Base Nacional Comum Curricular definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento [...]

Art. 36. § 1º A organização das áreas de que trata o caput e das respectivas competências e habilidades **será feita de acordo com critérios estabelecidos em cada sistema de ensino**. (BRASIL, 1996; BRASIL, 2017, p. 12. Grifo nosso)

Nesse sentido, trata-se de maneiras diferentes de estabelecer o que os alunos devem apreender na Educação Básica e de como os saberes serão mobilizados e aplicados para que haja a construção de conhecimentos.

Portanto, cabe aos estados e municípios desenvolverem essas competências e habilidades, produzindo conhecimento e material didático, entre outros processos pedagógicos, para a realização do que determina o Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2017).

Mas no decorrer deste caminho encontramos empecilhos, pois, as comunidades escolares possuem dificuldades de produzirem os conteúdos que valorizam suas principais manifestações culturais.

A BNCC ressalta que a educação deve ser voltada para essa realidade dos alunos, mas na hora de orientar a elaboração dos currículos cerca de 40 por cento é responsabilidade dos Estados, municípios e regiões.

Ou seja, a BNCC estabelece que se deve respeitar as realidades, mas não promove a discussão com as intuições de ensino para o efetivo cumprimento dessas exigências.

Então, encontramos-nos diante da impossibilidade de se criar um currículo a partir dessas bases, justamente por não haver essa discussão entre o estado e os professores das comunidades escolares locais, principalmente de como desenvolver um currículo que valorize a diversidade cultural de cada comunidade, como as do campo, localizadas nos mais diversos âmbitos do país.

Conseqüentemente os professores terão que por conta própria procurar inserir em suas aulas as habilidades e competências pré-determinadas, buscando trazer para o ambiente escolar a realidade em que seus estudantes se encontram, ou seguir o currículo padrão oferecido pelo estado.

Isso porque a contribuição e orientação que gerariam os debates não ocorreram, deixando desamparadas as comunidades e suas escolas.

Diante disso, procuramos construir um currículo para as escolas do campo, onde o processo educacional seja baseado na realidade socioambiental sul-mineira, partindo de uma análise documental da história ecológico-regional do Sul de Minas Gerais, do presente para o passado, realizando uma leitura de alguns capítulos do livro “Rio Grande, peixes e pessoas”, e também os relatos das viagens do naturalista Saint-Hilaire nas décadas de 1810 -1820, documentos essenciais para conhecer a realidade na qual estão inseridas as escolas do campo sul mineiro.

Em conclusão, esses documentos foram muito enriquecedores para pesquisa, pois eles proporcionaram o entendimento da trajetória ecológica e da realidade atual da região do rio grande - Sul de Minas Gerais, lugar de minha atuação educacional.

Trazendo aspectos histórico-ecológicos de épocas em que homens e mulheres se encontravam integrados ao ambiente local, bem como sobre a degradação ambiental, econômica e social, esses documentos e obras permitiram refletir sobre como esses processos de desenrolaram, através de estudos interdisciplinares privilegiados entre Ciências Biológicas, História e Educação.

Como desejamos que o currículo parta da realidade das escolas do campo, respeitando as relações socioambientais locais, foi fundamental para a realização desta pesquisa/TCC conhecer o ambiente natural/biológico que as rodeia, mas não apenas, fundamental também foi compreender as dimensões humanas e históricas que determinaram como esse ambiente foi construído.



## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Josué Humberto. **Ríos domados, fijados y aprisionados: memoria e historia ambiental del río Grande, Minas Gerais, y etno-ecología de las aguas de Brasil**. 2008, p. 898. Tese de Doutorado, Universidad de Salamanca, Salamanca: Espanha, 2008.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2002.

BLOCK, Marc. **Apologia da História ou Ofício de Historiador**. Apresentação à edição brasileira, por Lilia Moritz Schwarcz. Rio de Janeiro, Zahar, 2002, p. 7-12.

BRASIL. **Lei de 15 de outubro de 1827**. Disponível em: <  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/LIM/LIM-15-10-1827.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LIM/LIM-15-10-1827.htm)>. Acesso em, 12 fev.2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº. 9394/96, 20 de dez., de 1996.

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. **Trabalho, educação e saúde**, v. 7, n. 1, p. 35-64, 2009.

CALDEIRA, Altino Barbosa. A paisagem cultural de Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, 2009.

COSTA, Cristina. **A Imagem da Mulher: um estudo de arte brasileira**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2002.

DERRIDA, Jacques. **L'Écriture et la Différence**. Paris: Éditions du Seuil, 1967

DIAS, Fernando Correia. **Mineiridade: construção e significado atual**. *Ciência & Trópico*, v 13 p.73-89,1985.

DRUMMOND, Glaucia Moreira et al. **Biota Minas: Diagnostico do conhecimento sobre a biodiversidade no Estado de Minas Gerais - subsidio ao Programa Biota Minas**. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas, 2009. 624 p.

ECKARDT, Isadora. **A perspectiva científica da literatura de viagem do século XIX: Auguste de Saint-Hilaire**. Estação Literária, v. 4, p. 72-85, 2009.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas – uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

HESPANHOL, Antonio Nivaldo et al. **Região e Regionalização no estado de Minas Gerais e suas Vinculações com as políticas públicas**. Formação, v. 1, n. 22, p.42-70, 2015.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986.

**Mappa de toda a extenção da Campanha da Princeza pelo Rio Grande, e pellos registros, que limitão a Capitania de Minas**. Lisboa: Arquivo Histórico Ultramarino, Instituto de Investigação Científica e Tropical, Códice 2166.

MARQUES, Daniel Anilton Duarte. **Estrada Real: patrimônio cultural de Minas Gerais (?): um estudo de Diamantina e Serro**. Brasília, 2009.

MELO, Rafael Magno Costa; BORGES Glauco Cezar. **Rio Grande: Ambiente, Peixes e Pessoas**. Rona. Belo Horizonte. 2016.

NOGUEIRA, Octaciano; BALEEIRO, Aliomar. **Constituições brasileiras: 1824**. Senado Federal, 1824.

NORA, Pierre. **Entre memória e história : a problemática dos lugares**. Proj. História, São Paulo (10), dez. 1993.

PÁDUA, José Augusto. **As bases teóricas da história ambiental**. Estudos avançados, v. 24, n. 68, p. 81-101, 2010.

PAISAGEM Tropical com um rio em Minas Gerais. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em:

<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra16327/paisagem-tropical-com-um-rio-em-minas-gerais>>. Acesso em: 28 de Abr. 2021. Verbetes da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-7

PORTELA; Caroline Dorada Pereira. O ensino de física nas séries iniciais do Ensino Fundamental: Uma experiência na formação de professores. In: VII Congresso Nacional de Educação –EDUCERE, 2007, Curitiba. **Anais do VII Congresso Nacional de Educação: EDUCERE**. Curitiba, 2007, v. 1. p. 2652-2662.

ROCHA, Gilmar e TOSTA, Sandra Pereira. **Antropologia & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930/1973)**. Vozes, Petrópolis, 1986.

SAINT-HILAIRE, August. **Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e São Paulo**. Campanha 2edição. São Paulo, 1938.

SAINT-HILAIRE, August. **Viagem pelas Províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Campanha. São Paulo, 1938.

SAINT-HILAIRE, August. **Viagens as Nascentes do Rio São Francisco e Pela Província de Goyaz** Campanha. São Paulo, 1937 [1975].

SAINT-HILAIRE, August . **Quadro Geografico da Vegetação Primitiva na Província de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2011.

SANTOS, Aparecido Lino dos. **Educação do campo: discursos sobre currículo, identidades e culturas**. 2015. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2015.

SELLES, Sandra Escovedo; ABREU, Martha. **Darwin na Serra da Tiririca: caminhos entrecruzados entre a biologia e a história**. Revista Brasileira de Educação, n. 20, p. 05-26, 2002.

SIEFERLE, Rolf Peter. **Qué es la Historia Ecológica.** In: GONZÁLEZ DE MOLINA, Manuel; MARTÍNEZ ALIER, Juan (Ed.). **Naturaleza transformada: estudios de historia ambiental en España.** Barcelona: Espanha; Icaria, 2001, p. 31-54.

SOARES, Edla de Araújo Lira. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.** Parecer n.º 36/2001. Edla de Araújo Lira Soares (Relatora). Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Brasília, 2001.

SOUSA, Bernadete Maria de et al. **Répteis em fragmentos de Cerrado e Mata Atlântica no Campo das Vertentes, estado de Minas Gerais, sudeste do Brasil.** Biota Neotropica, v. 10, n. 2, p. 129-138, 2010.

TESSITORE, Viviane. **Como implantar Centros de Documentação.** São Paulo: Arquivo do estado, Imprensa Oficial, 2003. (PROJETO COMO FAZER, 09)

TRIVIÑOS, Augusto NS. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia.** Atlas S.A, São Paulo, 1987

VIEIRA, Fábio et al. **Peixes ameaçados de Minas Gerais.** In: G.M. Drummond, A.B.M. Machado, C.S. Martins, M.P. Mendonça & J.R. Stehmann. 2008. **Listas Vermelhas das Espécies da Fauna e da Flora Ameaçadas de Extinção em Minas Gerais.** 2a ed. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas. CD-ROM.

VISTA de Matosinho, próximo de São João Del Rei. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em:

<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra7611/vista-de-matosinho-proximo-de-sao-joao-del-rei>>. Acesso em: 28 de Abr. 2021. Verbete da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-7